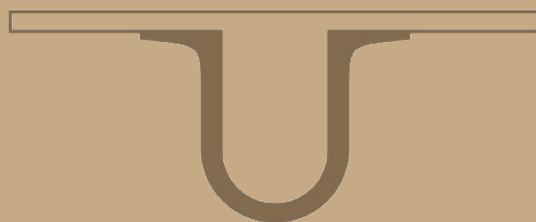




UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Maria João Valente Costa

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO JORNAL PÚBLICO – A
ESCOLHA DOS ELEMENTOS DA FOTOGRAFIA COMO COMPLEMENTO
DA NOTÍCIA NA SECÇÃO ‘LOCAL’**

Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo e Comunicação, orientado pelo Professor
Doutor Carlos Camponez, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e
Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Novembro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO JORNAL PÚBLICO – A ESCOLHA DOS ELEMENTOS DA FOTOGRAFIA COMO COMPLEMENTO DA NOTÍCIA NA SECÇÃO ‘LOCAL’

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Relatório de estágio no Jornal Público – A escolha dos elementos da fotografia como complemento da notícia na secção ‘Local’
Autor/a	Maria João Valente Costa
Orientador/a(s)	Doutor José Carlos Costa Santos Camponez
Júri	Doutor João Manuel Santos de Miranda
	Vogais:
	1. Doutora Patrícia Nogueira da Silva
	2. Doutor José Carlos Costa Santos Camponez
Identificação do Curso	2º Ciclo em Jornalismo e Comunicação
Ramo	Profissional
Data da defesa	14-12-2020
Classificação do Relatório	10 valores
Classificação do Estágio e Relatório	13 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Relatório de estágio no Jornal Público – A escolha dos elementos da fotografia como complemento da notícia na secção ‘Local’

Resumo

A imagem ocupa, cada vez mais, um lugar similar ao texto no que a uma notícia diz respeito. Tendo como questão de partida: “As fotografias que acompanham o texto nas notícias online são ilustrativas da situação falada ou apenas referenciais?”, o presente relatório propõe uma reflexão sobre as fotografias escolhidas para cada notícia num jornal.

Quando olhamos para a capa de um jornal, ou até em formato online, a primeira coisa, a par do título, à qual damos mais atenção é à imagem escolhida para representar aquela notícia. Porquê uma igreja? Um rapaz a saltar para a piscina ou uma banca cheia de fruta? A imagem complementa o texto e já nos dá informações antes de o lermos. No entanto, é de salientar que a imagem não consegue incluir todos os elementos necessários à compreensão da notícia, dá-nos alguns elementos que podem fazer com que associemos o tema do texto através da imagem.

É neste sentido que vai ser realizado o presente trabalho, ou seja, em perceber quais os elementos escolhidos pelos fotojornalistas para representar o tema e apresentá-lo ao público. Escolhem mostrar o tema, o local, o sujeito da notícia ou outro elemento relevante? Para isso foram analisadas todas as fotografias de notícias publicadas pela secção “Local” do jornal Público durante o mês de outubro de 2019 (um dos meses em que estive lá a estagiar).

Assim sendo, pode-se dizer que o problema a analisar enquadra-se no nível de compreensão da notícia, por parte do leitor, quando associa a imagem ao título, por forma a tentar perceber o assunto de que vai ser falado no texto.

Palavras-chave jornal, fotografia, texto, fotojornalismo, comunicação

Internship report in the newspaper Público – The choice of the photography's elements as a complement to the news in the section 'Local'

Abstract

More than ever, the image projects a similar meaning to the article/story. Having the following question as a starting point " Do the pictures alongside the online articles the articles are merely illustrative or referencial?", the following report offers a reflexion about the chosen photographs for each article within the newspaper.

When we look at an article on a newspaper cover or even on an online format, the first thing that draws our attention is not only the header but the chosen picture to that specific article. Why a church? A boy jumping to the pool? A fruit stand? The image complements the article and offers the readers information even before the article being read. However, it should be noted that the image cannot include all the elements necessary to understand the news, it gives us some elements that can make us associate the theme of the text through the image.

It's within this mindset that this assignment is going to unfold, in order to understand what are the elements chosen by the photojournalists to represent the subject and present it to the readers. Therefore, all the photographs published on the "local" section of the Publico Newspaper were analised during the October month of 2019(during my internship).

Consequently, we can say that the matter to analise fits in the level of understanding of the news, on the part of the reader, when he associates the image with the title, in order to try to understand the subject that will be discussed in the text.

Keywords newspaper, photography, text, photojournalism, communication

Índice

<i>Introdução</i>	1
1. O Jornal Público	2
1.1. Porquê o Jornal Público?.....	2
1.2. Caracterização do Jornal Público	2
1.3. Contexto histórico e social.....	4
1.4. Importância e prémios do Jornal.....	5
1.5. Edição impressa vs online.....	6
2. A experiência de estágio	8
2.1. Rotinas e secções atribuídas	8
2.2. Contacto com as fontes de informação	10
2.3. Ação do jornalista na escrita da notícia.....	12
3. Enquadramento teórico	14
3.1. A fotografia	14
3.2. A presença da fotografia no jornalismo	15
3.3. O fotojornalismo nos dias de hoje	16
3.4. A fotografia como complemento do texto.....	17
3.5. A perceção da fotografia como representante do momento da notícia	18
4. Quadro metodológico	20
4.1. Natureza da investigação.....	20
4.2. Questão problema e objetivos.....	21
4.3. Opções metodológicas	22
5. Apresentação e discussão de resultados	26
5.1. Categorias de análise	26
5.2. Notícias que vão ser analisadas	26
5.3. Procedimentos para a análise dos dados	27
5.4. Apresentação e discussão de resultados	33
Conclusão	36
Referências Bibliográficas	37
Anexos	59

Índice de figuras

Figura 1 - o desenrolar de uma investigação qualitativa (coutinho, 2014 adaptado de creswell, 1994)	21
Figura 2 - Três fases da análise de conteúdo (adaptado de Bardin, 2011)	24

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Categorias principais.....	33
Gráfico 2 - Fotografia referencial do tema	34
Gráfico 3 - Fotografia ilustrativa do acontecimento.....	35

Introdução

O presente relatório surge da experiência vivida no estágio curricular do Mestrado em Comunicação e Jornalismo, parte integrante do 2.º ano do curso na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Com a duração de três meses, o estágio decorreu na redação do Porto do Jornal Público e irá ser o ponto de partida para a reflexão sobre a escolha dos elementos na fotografia, esta que funciona como complemento do texto.

Numa época em que a fotografia anexada a um texto noticioso tem um enorme impacto visual para o leitor, consideramos oportuno estudar que elementos são escolhidos pelos fotojornalistas para integrar a fotografia, no sentido de representar o texto e dar uma primeira ideia aos leitores do que será abordado na notícia. Os elementos da fotografia devem dar-nos já dicas do que vamos encontrar quando lermos o texto, funcionando os dois elementos como complemento um do outro.

Para realizar o presente estudo foram analisadas todas as fotografias de notícias publicadas pela secção “Local” do jornal durante o mês de outubro de 2019 (um dos meses em que estive a estagiar na redação do Público).

O trabalho divide-se em quatro partes essenciais, sendo que a primeira parte será sobre o jornal e também sobre a experiência por mim vivida; a segunda é dedicada à reflexão crítica dos três meses de estágio em várias secções do jornal (Local, Fugas e P3); a terceira ao enquadramento teórico e, por último, será realizada uma recolha de dados que serão devidamente analisados, bem como retiradas as suas conclusões.

1. O Jornal Público

1.1. Porquê o Jornal Público?

Desde o início do curso que sabia que, quando chegasse a altura do estágio, era no Público que queria estagiar. Foi, então, a minha primeira escolha. Já quase sem esperança, pois não obtínhamos resposta de lá, e a minha segunda opção a ser contactada, ligaram-me do Público e eu aceitei de imediato. A escolha não foi difícil: é um jornal diário de referência global; procura sempre evoluir e tratar temas de valor; e é o jornal com o qual mais me identifico. Para além das notícias, aborda temas distintos, relevantes, que fazem sentido e que ao mesmo tempo nos fazem refletir.

Caracterizo o meu estágio curricular no Público como uma experiência ímpar que vivi num ambiente agradável e acolhedor e, ao qual, muito tenho de agradecer por tudo o que aprendi e cresci, tanto pessoal como profissionalmente.

1.2. Caracterização do Jornal Público

Criado em 31 de outubro de 1989, nasceu para os leitores a 5 de março de 1990 sob orientação do diretor Vicente Jorge Silva. Foram quatro meses de planeamento daquele que viria a ser um dos jornais-referência a nível nacional. Nesta altura foi criada também a Público Comunicação Social S.A., cujo principal acionista foi – e continua a ser – o grupo empresarial Sonae.

Desde a sua criação que se caracteriza como “um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica” (Livro de Estilo do Público, Estatuto Editorial do Público, 1989). Ao longo do tempo foi-se reinventando e “a par das mudanças e dos desafios do país”, foi-se adaptando às necessidades e, sobretudo, evolução da sociedade.

Jornal generalista de grande circulação, tem a “imparcialidade, integridade e independência em relação aos vários poderes e fontes de informação” (Livro de Estilo do Público, Princípios e Normas de Conduta Profissional, 1998) como princípios no que à conduta profissional dos jornalistas diz respeito.

O Público é um jornal diário de distribuição nacional com mais de 28 anos de existência que se rege pelos “princípios fundadores do jornalismo moderno” – (Livro de Estilo do Público, Introdução, 1989) adotados por grandes jornais mundiais como “The New York Times”. Tem como valor de compra 1,20 euros, de segunda a quinta-feira e de 1,70 euros à sexta-feira, sábado e domingo.

Desde 2018 que tem Manuel Carvalho como diretor e os diretores-adjuntos são David Pontes, Amílcar Correia, Ana Sá Lopes e Tiago Luz Pedro.

O jornal apresenta uma divisão por secções – Local, Sociedade, Política, Economia, Mundo, Cultura, Ciência e Desporto – para as duas edições, de Lisboa e do Porto. A par disso, tem o P2, o Ímpar e o P3.

Atualmente, para além do jornal diário de carácter noticioso, apresenta outros suplementos: às sextas-feiras é lançado o Inimigo Público, com redação independente tem como objetivo fazer uma sátira à atualidade e o Ípsilon, que surge como complemento da secção de Cultura; aos sábados sai a revista Fugas, que se dedica a uma abordagem sobre lazer e viagens, funcionando online durante a semana, sendo que nem todas as notícias do online saem na edição em papel, mas o contrário acontece; e o P2 e o Culto, que saem aos domingos e dão relevo a textos mais longos, como reportagens e temas sociais, respetivamente.

Na era do online, o Público, para além de partilhar no *website* todos os artigos publicados no jornal, oferece também conteúdo exclusivo como *podcasts*, galerias fotográficas e conteúdo multimédia. Tudo isto perante assinatura no online, o que acaba por chamar a atenção do leitor também. Abordando o “Publico.pt” no online, é inevitável falar de novo no P3, projeto exclusivamente online e orientado para os jovens que aborda variados temas e projetos; e do Ímpar, relativamente recente no

Público, que quer falar sobre os temas relevantes, desde alimentação para crianças até temas considerados tabu.

1.3. Contexto histórico e social

A criação dos jornais data de há mais de dois mil anos atrás e eles sempre representaram um papel importante na sociedade. No caso do Público, a primeira semente foi plantada em 1990, por Vicente Jorge Silva. A ele juntaram-se José Vítor Malheiros, Joaquim Fidalgo, Augusto M. Seabra, Henrique Cayatte, Jorge Wemans, José Manuel Fernandes, Nuno Pacheco e José Queirós, antigos jornalistas do Expresso.

Na carta apresentada pelo antigo presidente da Sonae, Belmiro de Azevedo e por Vicente Jorge Silva, aquando da criação do jornal, distinguem-no como “o lugar de encontro entre um grupo de jornalistas e um grupo empresarial, a Sonae, tendo em vista um objetivo comum: a criação em Portugal de um jornal diário que, através de uma aposta inovadora no plano editorial e tecnológico, reúna as energias necessárias para responder ao desafio de uma informação moderna e de qualidade no espaço europeu” (Mendes, 2018, p. 45).

No primeiro lançamento, o destaque da capa centrou-se em Álvaro Cunhal e a sua sucessão no PCP e também no clássico Futebol Clube do Porto com o Sporting Clube de Portugal, jogo que tinha acontecido no dia anterior (Costa, 2019). A finalidade desta redação era “revolucionar o panorama da época e fazer um jornal capaz de estar à altura dos principais títulos internacionais” (p. 5).

Passado cinco anos, o Público nasceu para o online e foi criado o publico.pt, um site que se caracterizava como informativo e se dedicava exclusivamente aos conteúdos digitais. Este foi um projeto com início independente, mas em janeiro de 2006 acabou por se associar à empresa (Malheiros, citado em Rebelo, 2011 *in* Costa, 2019).

Um ano mais tarde, em 1996, Vicente Jorge da Silva saiu do jornal e quem o sucedeu foi Nicolau Santos. Só esteve na direção um ano e entrou Francisco Sarsfield Cabral apenas por quatro meses (entre dezembro de 1997 e março de 1998. Depois disso,

José Manuel Fernandes, também um dos fundadores do jornal, assumiu a direção até 2009 e quem se seguiu foi Bárbara Reis até 2016. Data em que entrou para o cargo David Dinis até 2018. A partir daí é Manuel Carvalho que está na direção do jornal e tem a seu lado os diretores-adjuntos David Pontes, Amílcar Correia, Aná Sá Lopes e Tiago Luz Pedro.

Vicente Jorge Silva, quem pensou no registo diário do Público nos seus inícios e marcou a geração do jornalismo em Portugal, faleceu em setembro deste ano com 74 anos.

1.4. Importância e prémios do Jornal

Sendo um jornal de referência com mais de 28 anos de experiência, o Público é já detentor de vários títulos e prémios a nível nacional e internacional.

Com a mudança de direção em 2018, o Público “continuou a executar a sua estratégia digital, reforçando as suas competências digitais e a presença em plataformas online com o reforço das suas estratégias digitais” (Sonaecom, 2018, p. 18) e acabou reconhecido pela SDN (Society for News Design) com a atribuição de três prémios de Excelência a capas do Ípsilon, um prémio de jornal Nacional diário do ano e um Prémio de Ouro de melhor capa; o Observatório de Ciberjornalismo também distinguiu o Público com o Prémio de Excelência ao seu *website* (Sonaecom, 2018).

Ao longo do tempo, o Público fez questão de continuar a apresentar iniciativas que reforcem o jornal como fonte de informação referência em língua portuguesa: “a renovação do painel de opinião, a melhoria no processo de distribuição do jornal e o reforço de capacidades digitais, em simultâneo com o desenvolvimento de dois projetos digitais de media financiados pelos Fundos de Inovação do Google DNI (Digital News Initiatives) (p. 18)”.

Para além do Público e do Publico.pt, também os suplementos e os próprios jornalistas, a título individual, ganharam prémios. Entre eles está os prémios ÑH02; prémio AMI - Jornalismo contra a indiferença; prémios PC Guia pelo melhor *site* noticioso; prémios Meios & Publicidade; Troféus JETNET; prémios Mulher

Reportagem; grande prémio Imigração e Minorias Éticas; prémios Gazeta; Prémios Bordalo de Jornalismo; e prémio de Jornalismo EEA Grants.

1.5. Edição impressa vs online

No início do aparecimento do jornal online, as notícias que lá eram publicadas eram uma mera reprodução das notícias impressas, mas com o tempo o online ganhou um lugar inegável na sociedade e, hoje em dia, o jornal em papel está cada vez menos utilizado. São cada vez mais as pessoas que não compram em papel e fazem a subscrição online de algum jornal conjugado com todas as outras notícias de regime “livre” que circulam pela internet. A questão ambiental pode ter sido um dos fatores.

Neste campo de comparação da edição impressa e online, é de salientar que todos os artigos publicados no jornal saem também no online e, claro, o contrário não acontece. É também de notar que, enquanto as notícias no online podem estar em constante atualização, o mesmo não acontece no papel, já que, depois de editado, sai para as bancas e já não dá para alterar ou até corrigir algo, se necessário.

Assim sendo, há diversas características que podem ser faladas aquando da abordagem deste tema. Enquanto que o jornal impresso é perecível e apresenta a informação de forma linear, controla também a ordem em que o leitor lê as notícias, a não ser que mude de notícia ou de página. Já o online tem o poder de ser interativo, com o complemento de outros formatos como o vídeo e o áudio; a atualização das notícias pode ser uma constante e a sua consulta pode ser feita a partir de qualquer lugar; podem ser anexados links que nos dão informações sobre o tema a ser abordado, motores de busca ou até “discussões” com o público.

No que ao Público diz respeito, “a exposição a um segmento que atravessa um período de crise financeira e de alteração de tendências de leitura, obrigou à definição de um projeto de reestruturação” (Sonaecom, 2018, p.59). Assim, sendo, e com “o imperativo de assegurar a sustentabilidade, sem comprometer o seu papel como referência independente de informação em Portugal”, o Público tem direcionado a sua estratégia tendo em conta as exigências do mundo digital. Neste sentido, a reestruturação continuada do layout e dos conteúdos apostando na

evolução tecnológica da edição online são também estratégias que procuram “assegurar um maior alinhamento com os novos hábitos de leitura dos portugueses e com as novas formas de acesso à informação por meio de smartphones e tablets, garantindo desta forma a sua posição de líder online no segmento de jornal generalista” (p. 60).

O jornalismo online permite ingressar na multimodalidade, pois a combinação de vários tipos de apresentação da notícia passa a ser possível. Assim, uma peça pode fazer-se acompanhar de um vídeo, ou até de um áudio, o que complementa de forma muito mais explícita o conteúdo do texto. Neste sentido, é inevitável abordar as transformações que o aparecimento da internet provoca no jornalismo.

2. A experiência de estágio

2.1. Rotinas e secções atribuídas

O estágio representa uma ponte fundamental entre o estudo e o mercado de trabalho. Parte integrante do segundo ano de Mestrado em Jornalismo e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o estágio teve a duração de três meses e decorreu na redação do Porto do Jornal Público.

Pisei a redação pela primeira vez no dia 9 de setembro. Fui recebida pela secretária de redação e pelo meu orientador, David Pontes, tendo sido apresentada ao longo dos dias aos vários editores de secções.

Os primeiros dias foram dedicados a perceber a dinâmica de trabalho no Público, como fazia para contactar com os editores, alguns pessoalmente como foi o caso da editora da Fugas, Sandra Costa, e das subeditoras do P3, Amanda Ribeiro e Ana Maria Henriques; já no caso da secção Local, os editores Ana Fernandes e Luís Santos estavam em Lisboa, por isso o contacto era feito via chamada telefónica. Durante a primeira semana também me foi explicado o funcionamento do meu e-mail (todos os estagiários têm também o seu próprio e-mail, aliás a via mais utilizada para contactar com os editores), como funcionava o BackOffice e respetivo banco de imagens caso tivesse de usar alguma imagem ilustrativa do assunto de que ia falar, como contactava com os entrevistados, do acesso aos *takes* de agências de informação e de algumas regras do Livro de Estilo do Público (relativamente a isto, sempre que tinha alguma dúvida falava com o *copy editor* Aurélio Moreira, que se mostrava sempre disponível para me esclarecer).

No início do estágio foi-me atribuída a secção “Local”, no entanto, o ritmo de trabalho permitiu-me trabalhar também na Fugas e no P3. Ao longo do tempo, fui-me apercebendo de que não há uma rotina horária propriamente dita na redação e foi-me dada a liberdade de entrar de manhã de forma “livre”, ou seja, não tinha obrigatoriamente de entrar às 9h; com a viagem até lá por vezes só conseguia chegar às 10h e, por isso, depois ficava mais uma hora ao final do dia. É, por isso, uma rotina muito livre e que dá para gerir horários, principalmente de transportes. Pela manhã a primeira coisa que os jornalistas faziam era ler o jornal, que estava na entrada

sempre à disposição e uma curiosidade é que também havia jornais de outras empresas para que pudéssemos consultar.

Depois desse momento inicial de leitura do jornal, que se revelava crucial pois colocava-me a par das notícias e poderia fazer ligação com peças posteriores, ia sempre à caixa de entrada do e-mail ver se algum editor me tinha mandado algum trabalho para escrever. Caso não tivesse nenhum, mandava e-mail às editoras e esperava que me enviassem trabalho. Ao longo do tempo, fui-me conseguindo adaptar às dinâmicas de trabalho e, muitas vezes, tinha já notícias para escrever de um dia para outro ou entrevistas para fazer, por isso chegava de manhã e já tinha tarefas. Depois, ao longo do dia, muitas vezes surgiam outras e ia gerindo consoante os prazos dados pelos editores.

Também tive a oportunidade de realizar peças em que tive de ir ao terreno (anexo V), por exemplo na notícia “Há uma nova Casa Guedes no Porto. Mas a tradição mantém-se”, “Facebook lança guia do Porto feito pelas comunidades. É para “celebrar a cidade”” e “Ricardo Luz é o Chefe Cozinheiro do Ano”. Nestas saídas havia sempre a coordenação com um fotógrafo que também ia ao local tirar fotografias que seriam anexadas à notícia.

Tendo em conta que adoro fotografia, andava sempre com a minha câmara fotográfica atrás de mim. Um dia tive uma saída à Alfândega do Porto para assistir a um espetáculo virtual que se baseava em lendas, contadas em português por Pedro Abrunhosa e em inglês por Jeremy Irons em que questionei se seria necessário coordenar a saída com o fotógrafo. Foi-me dito que não, pois usaríamos fotografias fornecidas por eles. No entanto, levei a minha câmara na mesma e tirei algumas fotografias. Chegada à redação mostrei-as ao meu orientador, David Pontes, que me disse que poderíamos perfeitamente usar as minhas fotografias para a notícia. E assim foi, no dia seguinte, na secção “Local”, saiu, tanto no jornal em papel como no online, a peça “Das tripas à freira de S. Bento – As lendas do Porto vão ser contadas por Abrunhosa e Jeremy Irons” (anexo I). Como sabia que conjugar essas duas vertentes no Público seria praticamente impossível, pois são exigentes nesse sentido, fiquei muito contente por ter conseguido.

Em trabalhos posteriores passou-se o mesmo e consegui realizar texto e fotografias das peças “Passear cães abandonados em Matosinhos é uma das novas experiências do Airbnb”, “Bairro Social da Pasteleira recebe espetáculo que questiona o nosso impacto no mundo”, “O “tempo que não temos” é o foco do encontro de ilustração de São João da Madeira”, “DeGema: hambúrgueres artesanais vezes nove” e “A casa onde Oliveira Ferreira esculpiu soldados vai ser requalificada” (anexo VI¹).

Em média, consegui escrever cerca de 70 notícias. É de salientar que depois de escritas, nem todas foram publicadas, por depois já não se enquadrar ou por não conseguir contactar as fontes para confirmar os factos.

2.2. Contacto com as fontes de informação

“Os objetivos das fontes de notícias e dos jornalistas não são exatamente os mesmos, embora um dependa do outro”

(Schmitz, 2011, p.54).

O contacto com as fontes é uma das partes mais cruciais no processo de escrever uma notícia e sem elas não existe jornalismo. Como estagiária, tive de prestar muita atenção ao modo como os jornalistas abordavam as fontes e, depois, comunicavam com os editores.

As fontes definem ações estratégicas de modo a ocupar deliberadamente o seu espaço social, “com o propósito de manter uma imagem positiva e reputação ilibada perante os seus públicos e a sociedade” (Schmitz, 2011, p.5). É, por isso, crucial manter uma posição jornalística aquando da receção da informação das fontes e saber abordar essa informação.

Também é muito importante realçar que até nos comunicados de imprensa pode haver erros, por isso é essencial verificar toda e qualquer informação antes de publicar a notícia; e também em peças de outros jornais. Aconteceu-me de colocar uma informação falsa numa notícia porque me baseei num jornal regional. Portanto,

¹ No anexo mencionado podem ser consultados os *links* das notícias faladas

quando pensamos que tudo o que é publicado diz respeito à verdade, estamos enganados, porque no caso mencionado a informação estava errada. Aqui a intervenção da subeditora do P3 foi crucial, pois pediu-me para confirmar a situação em questão. É, por isso, fundamental, principalmente em fase de estágio, a revisão que é feita pelos editores.

Durante o estágio também foi possível perceber que o jornalismo trata as fontes “a partir dos processos de agendamento, produção e seleção de notícias, bem como da noticiabilidade, objetividade e conhecimento do jornalismo” (p. 5). Para além disso, também constatei que a repetição de temas de ano para ano é tida em conta e nunca abordada do mesmo modo. Por exemplo: eu estava a escrever uma notícia sobre um evento e a organização convidou o Público a estar presente. Nestes casos temos de falar com as editoras e ver qual a resposta que vamos dar à organização do evento. Neste caso, fizemos na mesma a notícia que abordava uma nova edição do evento, mas como já tinha sido feita reportagem sobre o mesmo no ano passado a editora não quis repetir. Ou seja, com isto concluí que no Público não é prática a repetição de algo específico, como é realizar uma reportagem sobre um determinado evento realizado já no ano anterior.

Relativamente às fontes, durante o estágio também pude perceber que por vezes é necessário fazer algumas cedências. Uma das notícias que escrevi dava conta de um projeto de arquitetura na Comporta. Depois de publicada, no dia a seguir recebi um telefonema do entrevistado a dizer que o título estava desadequado e desrespeitoso e que no seu escritório a opinião era “unânime”. Depois de lhe tentar explicar o conceito, o entrevistado continuava a não aceitar. Então, nesta situação teve de se chegar a um acordo com ele e propor outro título. Estas situações podem acontecer, já que não é prática do Público os entrevistados terem acesso à notícia antes de publicada.

2.3. Ação do jornalista na escrita da notícia

“O jornalismo português foi palco, durante o último quarto de século, de profundas transformações das quais avultam uma acentuada feminização e uma considerável elevação do nível de habilitações académicas” (Rebelo, 2011).

Até chegar à escrita da notícia, o jornalista passa por diversas fases – apuração, seleção e redação do texto jornalístico (Melo & Calaça, 2016). A primeira é considerada de pesquisa sobre o tema que vai escrever que pode ser totalmente desconhecido ou pode já ter algumas noções acerca do mesmo e apenas completá-las. Depois de se inteirar do tema, deve procurar as fontes em que se pode basear para a escrita da notícia. Fontes essas que podem vir de comunicados sobre o tema ou podem contemplar entrevistas feitas aos envolvidos. Por último, é necessário organizar as ideias e fazer com que o texto fique escrito de forma coerente.

Para se escrever um texto é necessário ter “um conjunto de soluções de escrita sedimentado” (Vogel, 2005, p. 124) e conseguir criar uma linha condutora desde o início até ao fim do texto. Assim sendo, é crucial conseguir “definir a abertura do texto e encadear a sequência das informações com coesão e coerência” (p. 124). Durante o meu estágio, posso dizer que este ponto foi o que mais me marcou e o qual considero que mais evoluí, pois inicialmente a revisão feita aos meus textos pelos editores era muito mais intensa do que no final, chegando nos últimos períodos do estágio a escrever textos em que praticamente não era alterado nada na revisão. Portanto ao longo do estágio eu fui percebendo a ordem de ideias que devia seguir para a escrita dos textos, sendo que depois a escrita também teria de ser adaptar consoante a secção para a qual estávamos a escrever. Por exemplo, se fosse uma notícia para a secção “Local” o discurso teria de ser mais formal e ser escrito na terceira pessoa; já no P3, os textos são escritos na segunda pessoa, pois o facto de ser direccionado para os jovens faz com que possa haver a abertura desse tratamento mais informal.

No processo de escrita da notícia é também crucial que o jornalista saiba quais os valores-notícia que fazem com que determinado tema ou facto sejam notícia. Vários

estudos foram realizados sobre a noticiabilidade. Galtung & Ruge (1965 in Antunes, 2015), indicam vários critérios de noticiabilidade: “a frequência, a intensidade, a significância, a imprevisibilidade ou escassez, a continuidade, a referência a nações de elite, a referência a pessoas e referência a algo negativo, entre outros”. Estes critérios de noticiabilidade é que determinam se um acontecimento se pode tornar notícia ou não e esse acontecimento “é tanto mais noticiável quanto maior número de critérios que possuir” (p. 10).

Neste sentido, cabe ao jornalista decidir se o tema tem o valor-notícia ou não. No caso do estágio, ou as editoras já nos davam os temas ou, caso quiséssemos sugerir algum tema, passava sempre pela aprovação das editoras.

3. Enquadramento teórico

3.1. A fotografia

“Photography is a form of nonverbal communication”

(Barnbaum, 2017, p. 1)

A fotografia é um campo presente todos os dias das nossas vidas, seja em jornais, televisão, revistas ou anúncios e é considerada uma ferramenta que pretende transmitir uma ideia, de maneira rápida e concisa, sem a necessidade de um desenho prévio ou da escrita de um texto. Ação em que a câmara fotográfica – definida por Sontag (2012) como “[...] instrumento ideal da consciência na sua atitude aquisitiva.” (p. 12) – funciona como um bloco de notas visual para o fotógrafo.

Para além disso, a fotografia é uma experiência capturada que pode ser entendida como a possibilidade de parar o tempo, retendo uma imagem instantânea que não se repetirá nunca mais. Sobre isto, Sontag acrescenta ainda:

“A força de uma fotografia consiste em conservar disponíveis instantes que o fluxo normal do tempo imediatamente substitui. Este congelamento do tempo – a insolente comovedora êxtase de cada fotografia – produziu cânones de beleza novos e mais abrangentes.”
(p. 112)

“A fotografia é um elemento com que se tem de contar para se perceber a construção simbólica e significativa no mundo atual e se entender a construção social da realidade” (Sousa, 1998, p. 1). Neste sentido, usar a fotografia como forma de compreender a notícia é algo comum e expectável, já que, a par do título, é o que capta a nossa atenção de forma imediata.

3.2. A presença da fotografia no jornalismo

A fotografia já foi interpretada como a única verdade relativamente a uma dada situação (Sontag, 2012), ditando a realidade acerca de tudo o que deixava alguma dúvida. Neste sentido, quando algo não parecia tão claro ou padecia de uma prova para se tornar verdadeiro, era muitas vezes à fotografia que se recorria para o comprovar.

Com o passar do tempo, essa ideia de que a fotografia representava a realidade de uma forma exata foi desaparecendo. É assim que surge a opinião de Sousa (1997) de que a fotografia tem o poder de representar e até indiciar o real, mas não pode ser ligada a uma representação fiel do mesmo. Sontag (2012) também sustenta esta opinião dizendo que o facto da câmara fotográfica ser capaz de transformar a realidade em beleza, "(...) deriva da sua relativa insuficiência como meio para veicular a verdade." (p.113). Factos estes que, obviamente, não desvalorizam o valor da fotografia.

Contudo, apesar do incontestável poder informativo de uma imagem, não foi fácil o processo de aceitação da mesma no campo do jornalismo. Os editores de jornais desrespeitavam o valor informativo que a fotografia podia alcançar e também eram da opinião de que a utilização de imagens se desviava da habitual cultura jornalística (Hicks, 1952).

Assim, a publicação do primeiro tabloide fotográfico, em 1904, pelo *Daily Mirror*, veio mudar para sempre a história do jornalismo. A partir deste momento, as imagens deixaram de ser consideradas em segundo plano (apenas como complementação do texto), para passarem a ser uma componente tão importante como o conteúdo escrito (Hicks, 1952).

A evolução da presença da fotografia no jornalismo foi ganhando cada vez mais impacto, chegando ao ponto em que podemos afirmar que a fotografia é "a manifestação democrática de uma arte aristocrática" (Haas in Kubrusly, 1991, p. 10)

Se tivermos em conta outro tipo de conteúdos visuais presentes no jornalismo, não podemos discordar de que as fotografias são os procedimentos técnico-expressivos

mais determinantes do conteúdo visual da imprensa (Baeza, 2001, p. 30 in Buitoni, 2007). Isto porque conseguem provocar um impacto enorme ao olhar dos leitores, acabando por ter o poder de persuasão mais apurado.

No campo da fotografia, o fotojornalismo é das áreas mais relevantes, devido aos níveis de difusão que atingem as fotografias publicadas nos órgãos de comunicação social (Sousa, 1998).

No fotojornalismo a imagem é utilizada como “testemunho” no que à situação falada no texto diz respeito, acabando por ter a função de “comprovação” das informações textuais que acompanha – “veja, esta imagem é a prova do que está escrito” (Lombardi, 2007, p. 26 in Antunes, 2015).

3.3. O fotojornalismo nos dias de hoje

“O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta.”

(Sousa, 2002, p. 5)

Hoje em dia, as imagens têm tido cada vez mais peso no olhar dos leitores, sobrepondo-se até à informação escrita.

A imagem tem como finalidade comunicar e, por isso, acaba por funcionar como canal de observação, informação, análise e opinião. Associa-se a uma linguagem que, através do seu domínio, consegue usá-la em várias linguagens para comunicar. “no fotojornalismo, trata-se de aplicar um procedimento a uma linguagem jornalística e, neste sentido, o avanço da fotografia digital e a flexibilidade na conceção das imagens aproximaram três processos distintos: a captação, a distribuição e a visualização imagéticas, estágios essenciais na sociabilização do trabalho fotográfico” (Camargo, 2005 in Mazer, 2010, p. 4).

“Definir o momento em que a imagem congelada representará a mensagem a ser distribuída, algo que Cartier-Bresson chamou de instante decisivo, é uma habilidade

do fotojornalista” (Mazer, 2010, p. 4). Assim, o fotojornalista trabalha com instantes congelados em imagens.

É de ressaltar que “a qualidade técnica das imagens não é fator preponderante para publicação de uma figura no jornal” (Mazer, 2010, p. 5), pois uma fotografia pode estar tecnicamente muito bem realizada, mas não ter os elementos ou a visão cruciais para que possa ser considerada para publicar. Neste sentido, Souza, 2004 in Mazer, 2010 afirma que fotografias fotojornalísticas são “aquelas que possuem valor jornalístico e que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado” (p. 5). Assim sendo, a fotografia representa uma arte de código aberto e com múltiplos significados que transportam informações entre diferentes contextos.

A imagem ajuda a “estabelecer o contexto, o *frame*, de uma “estória”, proporcionando a sua maior compreensão e mantendo o interesse do leitor” (Souza, 1998 p. 4). No entanto, o mesmo autor defende que é possível “que uma fotografia passe despercebida se dela não se possuir uma referência que a contextualize” (p. 4) e também que as fotografias podem desviar a atenção do leitor do texto e, assim, limitem a interpretação da mensagem, ao colocarem a atenção toda nelas.

3.4. A fotografia como complemento do texto

“A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.”

(Souza, 2002, p. 5)

Para complementar o texto, a fotografia precisa de ter certos elementos. É certo que a natureza do fotógrafo tem influência direta na interpretação que este vai fazer da situação que tem de fotografar (Kossoy, 1989 in Mazer, 2010). Assim sendo, a abordagem de vários indivíduos pode ser distinta, mas representar o mesmo momento. E aqui estão implícitas na ação do fotógrafo “a sensibilidade, a criatividade e, sobretudo, a sua bagagem cultural” (Mazer, 2010, p. 5).

Para que acompanhe o texto de uma notícia, "a qualidade técnica das imagens não é fator preponderante para publicação de uma figura no jornal" (Mazer, 2010, p. 5).

Sousa (2002) diz-nos que a fotografia "(...) é incapaz de oferecer determinadas informações" (p. 9), daí a importância de ser complementada com textos que orientem o sentido da mensagem. O autor mencionado chega a dar um exemplo de um conceito abstrato, como o de "inflação". Tendo em conta o tema, uma das possibilidades era serem fotografadas etiquetas de preços, sugerindo o conceito, mas a noção de que se estaria a falar de "inflação" só seria claramente entendida através de um texto complementar. Portanto, podemos dizer que os dois elementos se complementam, já que à primeira vista a fotografia contextualiza-nos e depois o texto dá-nos as restantes informações.

3.5. A percepção da fotografia como representante do momento da notícia

Quando lemos uma notícia é inevitável não prestarmos atenção à fotografia que surge logo a seguir ao título e à entrada. Há quem a observe por instantes; e quem a observe durante minutos e faça já as suas interpretações através da fotografia.

O facto da fotografia ilustrar a notícia ou não tem que ver com a natureza da mesma. Isto porque hoje em dia são imensas as fotografias que temos acesso através de um banco de imagens, e claro que o Público tem o seu próprio banco de imagens. Assim sendo, se a notícia fala de alguma curiosidade sobre gatos, o que normalmente se faz é ir a esse banco de imagens e retirar uma fotografia que represente o tema da notícia.

"Os fotojornalistas necessitam de reunir intuição e sentido de oportunidade quer para determinarem se uma situação (ou um instante numa situação) é de potencial interesse fotojornalístico, quer para a avaliarem eticamente, quer ainda para a representarem fotograficamente" (Sousa, 2002, p. 10).

O mesmo autor chama à atenção para o facto de se a fotografia quer transmitir uma única ideia, tem mais probabilidade de ser bem sucedida do que se quiser transmitir várias ideias, pois para o autor "quando se procura, numa única imagem, transmitir

várias ideias ou sensações ao mesmo tempo, o mais certo é gerar-se confusão visual e significativa” (p. 11). Tendo em conta isto, o tema principal que se quer transmitir na fotografia deve ser realçado, seja por via de um ângulo específico, seja por conter determinados elementos que não criem confusão no momento de saber qual o “tema-chave” da notícia.

4. Quadro metodológico

Como já referido anteriormente, o presente trabalho centra-se na análise das fotografias que acompanham as notícias publicadas pela secção “Local” do Jornal Público durante o mês de outubro de 2019.

Esta parte irá conter, num primeiro momento, a natureza da investigação, os objetivos e respetiva questão de investigação, as opções metodológicas, a apresentação do *corpus* e, por fim, a sua análise.

4.1. Natureza da investigação

O presente relatório é de natureza qualitativa, pois obedece às principais características de uma abordagem dessa natureza (Bogdan e Biklen, 1994):

- A situação natural é fonte direta dos dados e o investigador funciona como instrumento-chave na sua recolha;
- Os dados são analisados de forma rigorosa;
- Todo o processo é importante: o que aconteceu, o produto e o resultado final;
- Diz respeito, principalmente, ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”;
- A principal preocupação é a descrição e só depois a análise dos dados.

O facto de ser mais importante todo o processo de investigação do que apenas os resultados (Carmo & Ferreira, 2008) faz com que o investigador dê relevância a todos os elementos da investigação e ao modo como os descreve, por forma a conseguir retirar o maior número de conclusões para o seu estudo.

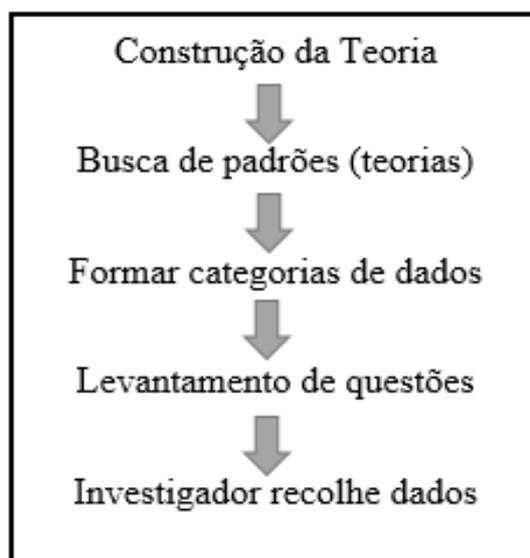


FIGURA 1 - O DESENVOLVER DE UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA
(COUTINHO, 2014 ADAPTADO DE CRESWELL, 1994)

Neste sentido, e como se pode verificar no esquema apresentado (figura 1), neste tipo de investigação a teoria surge com base na análise de dados, fundamentando-se não nas concepções prévias do investigador, mas, principalmente, na observação dos sujeitos e na interpretação dos seus significados próprios. Segundo Coutinho (2014) citando Shaw (1999) “[...] mais importante que o rigor é a relevância dos resultados [...]” (p. 29). Assim sendo, o foco da investigação relaciona-se com a análise das fotografias em questão, mais especificamente, com os elementos presentes em cada uma delas para representar a notícia.

4.2. Questão problema e objetivos

Para este estudo, foram definidos três grandes objetivos:

- De que forma é apresentada a fotografia de capa no online;
- Compreender qual a ligação que a fotografia tem ao texto;
- Analisar se as fotografias de capa nos dão informação ilustrativa da situação falada ou meramente referencial.

Questão orientadora:

A questão de investigação específica de forma exata o foco da investigação e constitui um importante primeiro passo para o estudo a desenvolver. Esta questão auxilia o investigador a manter o seu rumo, na medida em que lhe fornece orientação durante o processo.

Se o leitor lesse apenas o título da notícia e visse a fotografia, conseguiria chegar a uma conclusão sobre o que vai ser falado no texto? Assim sendo, surge a questão:

“As fotografias que acompanham o texto nas notícias online são ilustrativas da situação falada ou apenas referenciais?”

O problema a analisar enquadra-se na compreensão do leitor quando associa a imagem ao título, por forma a tentar perceber sobre o que vai ser falado no texto.

4.3. Opções metodológicas

A análise de conteúdo foi a metodologia escolhida para a realização do presente estudo. Assim, este tipo de análise considera o conteúdo e apresenta como finalidade perceber o que está por trás desse conteúdo (inferências). Neste caso, o que está por trás das imagens, tentando conhecer as realidades através das fotografias (Bardin, 2011).

Assim, ainda segundo Bardin, a análise de conteúdo trabalha com a manipulação de mensagens (comunicação) com o objetivo de demonstrar indicadores que nos possibilitam inferir acerca de uma realidade para além da da mensagem (fotografia).

Mas são muitos os autores que apresentam definições para este tipo de análise. Para Berelson (1952, 1968 in Carmo & Ferreira, 1998), a definição de análise de conteúdo passa por “uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação” (p. 251), tendo em conta que esta descrição deve resultar dos dados recolhidos e ser realizada com rigor e coerência. Homogeneidade, exaustividade, exclusividade, objetividade, adequação e

pertinência são as regras que devem ser tidas em conta se queremos que este tipo de análise seja válido.

No entanto, a análise de conteúdo não pode ser definida só com a primeira definição dada. Segundo Bardin (2011) podemos completar este conceito dizendo que a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) [...]” (p. 42).

A análise de conteúdo contempla um percurso que deve ser seguido de forma a que se consiga realizar qualquer investigação. Assim, Carmo & Ferreira (1998) apontam as seguintes etapas:

- Definição dos objetivos e do quadro de referência teórico;
- Constituição de um *corpus*;
- Definição das categorias;
- Definição de unidades de análise;
- Quantificação (sendo que não é de carácter obrigatório);
- Interpretação dos resultados obtidos.

Bardin (2011) concorda relativamente às três fases principais da análise de conteúdo: uma primeira fase de pré-análise, seguido da exploração do material e, por último, o tratamento dos resultados, incluindo interpretação e realização de inferências (figura 2).

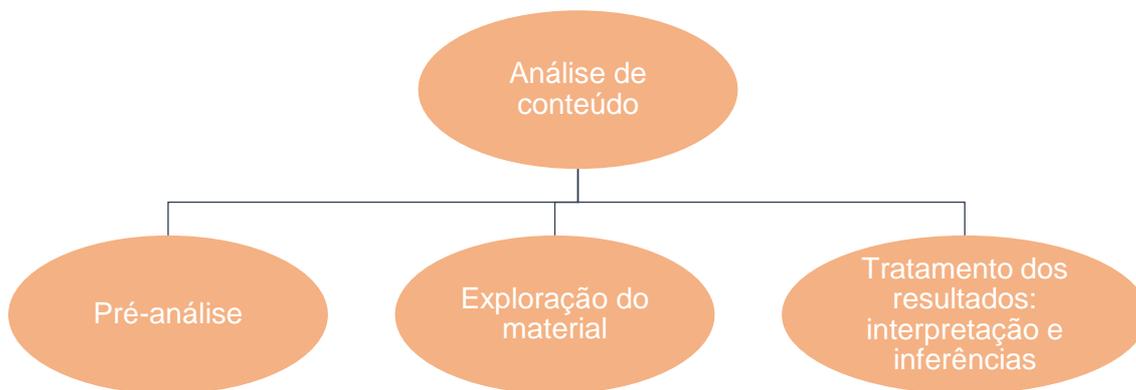


FIGURA 2 - TRÊS FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO (ADAPTADO DE BARDIN, 2011)

A análise de conteúdo conta com uma dimensão descritiva “que visa dar conta do que nos foi narrado” e uma dimensão interpretativa “que decorre das interpretações do analista face a um objeto de estudo” (Guerra, 2014, p. 62 in Miranda, 2019, p. 74). No entanto, Bardin (2011) aprofunda, acrescentando que a primeira fase se considera como fase de organização, onde é estabelecido um primeiro contacto com o material que vamos analisar e definido um esquema de trabalho que, embora flexível, deve ser feito com precisão estratégias bem definidas. Para o mesmo autor esta fase contempla a *leitura flutuante* – contacto inicial com os documentos que irão ser submetidos à análise – sendo necessário passar por processos de escolha, formulação de hipóteses e objetivos e elaborar os indicadores que irão orientar a interpretação e preparação formal do material a analisar.

A exploração do material (segunda fase) passa pela escolha de unidades de codificação, seguindo-se a classificação e, por último, a categorização.

Já no tratamento de dados (inferência de interpretação) – terceira e última fase do processo – o investigador deve dar significado aos resultados e interpretá-los além do superficial (conteúdo óbvio).

Assim, no presente estudo as fotografias em questão serão analisadas considerando este tipo de análise, por se justificar ser a mais adequada, tendo em conta que será

analisado o que está “por trás das imagens”. Neste sentido, classifica-se como uma análise de exploração de natureza qualitativa indireta, focada no valor do tema e com interpretação do que está subentendido na imagem.

5. Apresentação e discussão de resultados

5.1. Categorias de análise

A categorização pode ser definida como o agrupar de dados tendo em conta o que os estes têm em comum. O processo de categorização apresenta como principal finalidade “[...] fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.” (Bardin, p. 119).

Exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e produtividade são as cinco qualidades que fazem com que um conjunto de categorias seja considerado bom (Bardin, 2011; Coutinho, 2004).

Neste estudo as categorias de análise foram definidas *a posteriori*, ou seja, depois de uma primeira fase de exploração, o conteúdo foi analisado e, a partir deste, foram definidas as categorias da análise.

Foram considerados dois grandes tópicos para a análise deste estudo: fotografia referencial do tema e fotografia ilustrativa do acontecimento.

Na categoria “fotografia referencial do tema” as subcategorias definidas foram: “mostra um dos eventos do local”; “identifica o local”; “identifica o tema”; “elemento identificativo do sujeito”; “sujeito da notícia”; “sujeito ligado ao tema”; “não contextualiza”.

Na categoria “fotografia ilustrativa do acontecimento” foram utilizadas as seguintes subcategorias: “identifica o local”; “identifica tema e local”; e “mostra um dos elementos da notícia”.

5.2. Notícias que vão ser analisadas

As notícias que vão ser analisadas são as que foram publicadas durante o mês de outubro 2019 – um dos meses em que me encontrava a estagiar no Público – na

secção “Local”. A recolha das notícias foi realizada tendo em conta o critério de “pertence/não pertence à secção Local” e resultou num total de 40 notícias².

5.3. Procedimentos para a análise dos dados

A análise foi realizada exclusivamente para notícias online e foi feita tendo em conta a fotografia de capa de cada uma³, tendo como foco as duas categorias principais já mencionadas.

Cada fotografia foi analisada individualmente e relacionada com o seu título, pensando sobre a ligação desses dois elementos.

As categorias principais dividem-se depois em subcategorias, que foram definidas à medida que o *corpus* ia sendo analisado. De seguida, são apresentados exemplos com fotografias para as subcategorias.

Na categoria “fotografia referencial do tema” as subcategorias definidas foram: “mostra um dos eventos do local”; “identifica o local”; “identifica o tema”; “elemento identificativo do sujeito”; “sujeito da notícia”; e “não contextualiza”.

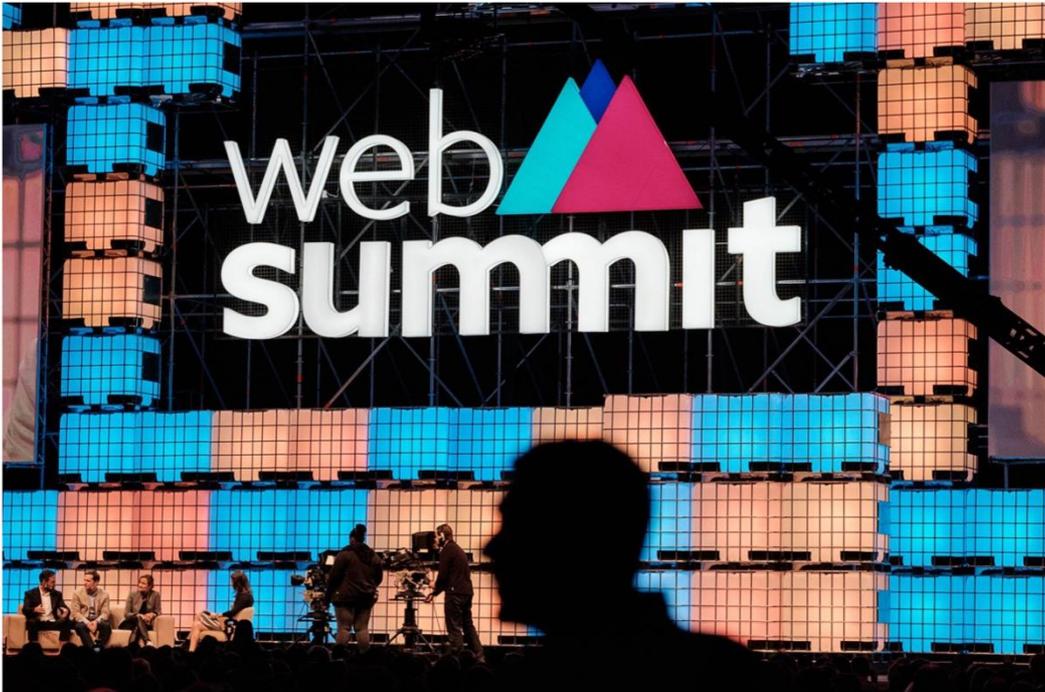
² Os links das notícias e as fotografias podem ser encontradas em *corpus* de análise nas referências bibliográficas

³ É de salientar que, mesmo nas notícias que apresentavam galeria (mais do que uma imagem associada ao texto) só foram consideradas as imagens de capa de cada uma

Exemplos:

- **Exemplo 1 - subcategoria “mostra um dos eventos do local”**

Título da notícia: “Consenso na Câmara de Lisboa para expandir FIL e atrair mais grandes eventos”



- **Exemplo 2 - subcategoria “identifica o local”**

Título da notícia: “Sete detidos por tráfico de droga no miradouro lisboeta do Adamastor”



- **Exemplo 3 – subcategoria “identifica o tema”**

Título da notícia: “Câmara de Aveiro quer moliceiros eletrificados até 2021”



- **Exemplo 4 – subcategoria “elemento identificativo do sujeito”**

Título da notícia: “Petição com mais de 750 assinaturas pede obras urgentes em esquadra lisboeta”



- **Exemplo 5 – subcategoria “sujeito da notícia”**

Título da notícia: “Novo vereador do Urbanismo da Câmara de Lisboa já assumiu funções”



- **Exemplo 6 – subcategoria “não contextualiza”**

Título da notícia: “Figueira de Castelo Rodrigo recompensa reutilização de lixos com moeda “Sustento”



Na categoria “fotografia ilustrativa do acontecimento” foram utilizadas as seguintes subcategorias: “identifica o local”; “identifica tema e local”; e “mostra um dos elementos da notícia”.

Exemplos:

- **Exemplo 1 - subcategoria “identifica o local”**

Título da notícia: “Origem dos maus cheiros de Alverca já está localizada”



- **Exemplo 2 - subcategoria “identifica tema e local”**

Título da notícia: “Poveiros criticam abate de árvores centenárias mas autarquia fala em segurança”



- **Exemplo 3 - subcategoria “mostra um dos elementos da notícia”**

Título da notícia: “As artes digitais tomaram conta dos museus e teatros de Aveiro”



5.4. Apresentação e discussão de resultados

Num primeiro momento, a análise dos dados centrou-se na comparação das duas grandes categorias apresentadas: fotografia referencial do tema e fotografia ilustrativa do acontecimento.

Como podemos ver no gráfico apresentado (gráfico 1), a grande maioria das notícias é acompanhada, maioritariamente, por fotografias de carácter referencial, ou seja, que não são ilustrativas do momento que é falado na peça, mas fazem apenas referência ao tema. Por exemplo, na notícia cujo título é “Petição com mais de 750 assinaturas pede obras urgentes em esquadra lisboeta”, a fotografia apresentada é a de uma pessoa (eventualmente polícia por ser notório que está toda de azul) a segurar um chapéu de polícia. Assim, só nos mostra um elemento (chapéu) que nos dá informação sobre o sujeito da notícia.

Da análise realizada, 87% das notícias são acompanhadas de fotografias que apenas fazem referência ao tema ou local, enquanto que as peças que têm fotografias ilustrativas do acontecimento representam 13%.

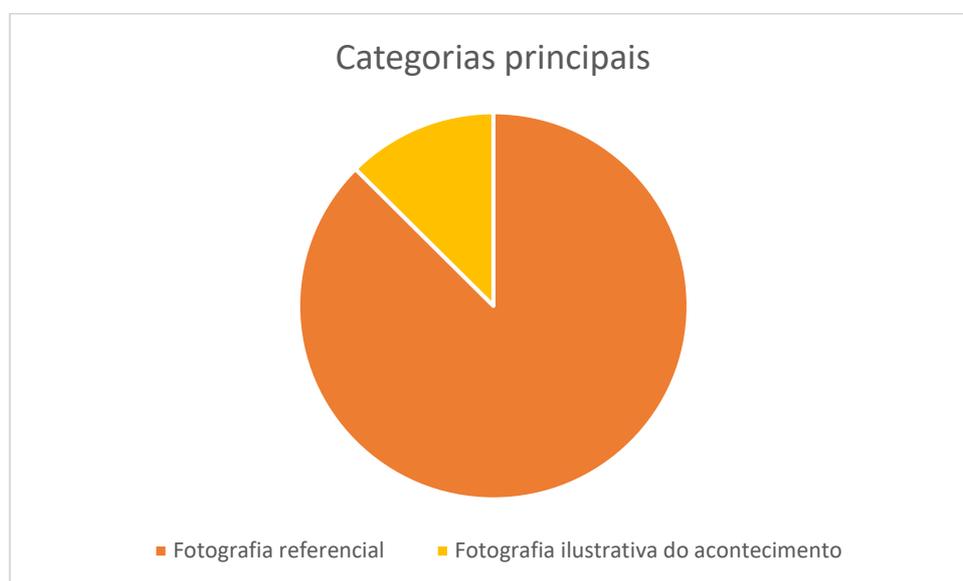


GRÁFICO 1 - CATEGORIAS PRINCIPAIS

De seguida, foi realizada a análise de cada uma das categorias principais. Na “fotografia referencial do tema”, como podemos ver no gráfico, há duas subcategorias que se destacam: “identifica o local” (48%) e “identifica o tema”

(26%). Portanto, como forma de exemplo, quando há uma notícia cujo título é “Shopping Brasília no Porto vai ser renovado até 2021 e convida lojistas das Lumière”, a fotografia de capa é do exterior do shopping, ou seja, faz-nos referência ao local de que se está a falar na peça; já na subcategoria “identifica o tema”, pode ser mencionada a peça “Câmara lança concurso para ciclovia entre Castro Marim e Praia Verde” que tem anexada a fotografia de uma ciclovia.

Seguido das subcategorias de maior relevância, surgem “sujeito da notícia” (9%) e “elemento identificativo do sujeito” (8%). Por último, “sujeito ligado ao tema”, “mostra um dos eventos do local” e “não contextualiza” surgem na mesma medida, com 3%. É de salientar o exemplo da subcategoria “não contextualiza”, pois sob o título “Figueira de Castelo Rodrigo recompensa reutilização de lixos com moeda “Sustento”, a fotografia que acompanha a notícia é de parte de um edifício em obras (com andaimes) e em que a calçada tem as letras: “C. M. 1892”, portanto, nem nos faz referência nenhuma ao tema nem local da notícia.

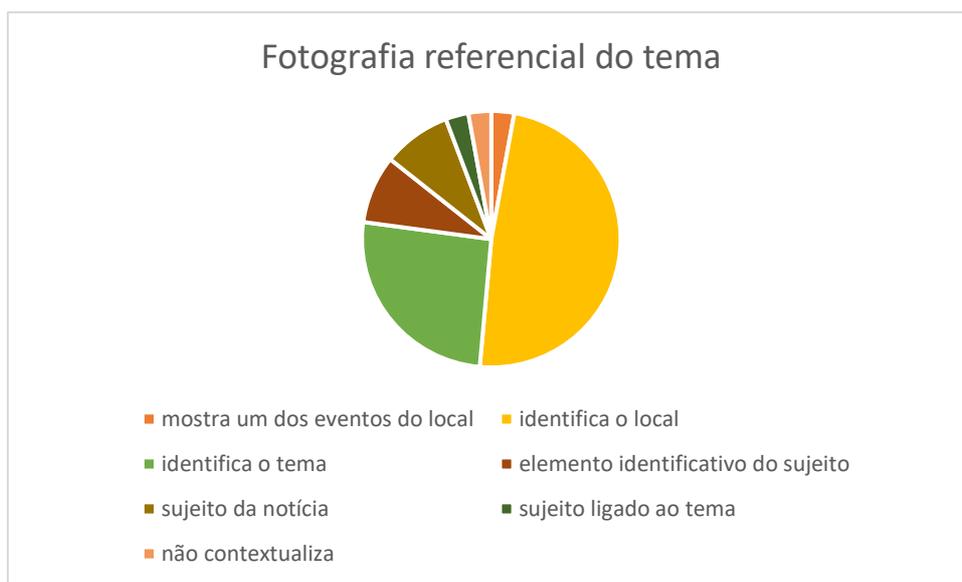
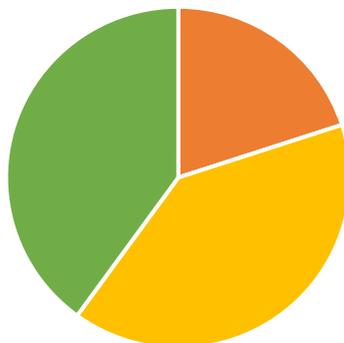


GRÁFICO 2 - FOTOGRAFIA REFERENCIAL DO TEMA

Na análise da segunda categoria principal – fotografia ilustrativa do acontecimento – surge em maior relevância a subcategoria “mostra um dos elementos da notícia” (40%) e de seguida “identifica o local” (20%) e “identifica tema e local” (40%).

Subcategoria: Fotografia ilustrativa do
acontecimento



■ identifica o local ■ identifica tema e local ■ mostra um dos elementos da notícia

GRÁFICO 3 - FOTOGRAFIA ILUSTRATIVA DO ACONTECIMENTO

Conclusão

O presente trabalho teve como ponto de partida o estágio curricular que decorreu na redação do Jornal Público do Porto. Parte integrante do segundo ano do Mestrado em Jornalismo e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, considero que o estágio foi uma grande aprendizagem relativamente à execução de um jornalismo “de verdade”. O ambiente em que trabalhei e as pessoas que conheci foram, sem dúvida, uma grande mais-valia para a minha formação, tanto profissional, como pessoal.

Como durante o estágio consegui realizar peças em que escrevi o texto e fiz também fotografia, e tendo em conta que a fotografia é uma área pela qual me interessa bastante, considerei pertinente realizar este trabalho que contempla o estudo da fotografia enquanto complemento do texto.

Para o presente estudo foram analisadas as notícias publicadas na secção “Local” durante o mês de outubro de 2019. A recolha resultou em quarenta notícias e a escolha das peças a analisar recaiu sobre o facto de, em primeiro, pertencerem à secção mencionada e, por outro lado, querer que integrassem um dos meses em que lá estive a estagiar.

Tendo em conta a questão de partida – “As fotografias que acompanham o texto nas notícias online são ilustrativas da situação falada ou apenas referenciais?” – pode-se concluir que na sua maioria são apenas referenciais do tema, não incluindo elementos que ilustrem a situação falada. No entanto, como mencionado ao longo do trabalho, é importante perceber que a fotografia não consegue contemplar vários temas numa só fotografia, precisando sempre do complemento do texto para ser percebida na sua íntegra.

Perante isto, e atendendo às limitações, este relatório de estágio não representa um estudo exaustivo das fotografias presentes nas notícias, mas acredito que dá uma ideia do tema e ajuda na conclusão de que a complementaridade “fotografia e texto” é essencial para compreendermos a notícia.

Referências Bibliográficas

Antunes, J. P. F. (2015). *Olhar a polícia por outros olhos: a fotografia de imprensa da atuação policial em manifestações políticas*. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança interna. Disponível em

http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/15409/1/Dissertação_Antunes.pdf

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70.

Barnbaum, B. (2017). *The Art of Photography – A Personal Approach to Artistic Expression*. San Rafael: Rocky Nook.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Buitoni, D. H. S. (2007). *Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real*. (pp. 103-111) Acedido a 9 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Fotogra%EF%AC%81a-e-jornalismo.pdf>

Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998). *A Análise de Conteúdo*. In *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem* (249-260). Universidade Aberta: Lisboa.

Costa, M. J. M. (2019). *Os comentários às notícias publicadas no Facebook e respetivo impacto nos jornalistas: o caso do Público*. Braga: Universidade do Minho.

Coutinho, C. P (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

Hicks, W. (1952). *Words and Pictures: An Introduction to Photojournalism*. New York: Harper.

Kubrusly, A. (1991). *O que é a fotografia?* São Paulo: Brasiliense. Coleção primeiros passos, n.º 83, 4.ª edição.

Mazer, D. H. (2010). *Critérios de noticiabilidade no fotojornalismo: observação da comunidade virtual do site Olhares*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

Melo C. A. & Calaça, G. L. M. S. (2016). *O ensino da escrita jornalística: dificuldades na produção da notícia*. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2016/resumos/R51-1001-1.pdf>

Miranda, A. F. S. (2019). *Perceções sobre a autoria do trabalho das agências de notícias: o caso da Agência Lusa*. Braga: Universidade do Minho.

Público (2005). *Livro de Estilo*. Lisboa: Público.

Schmitz, A. A. (2011). *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Editora Combook. Disponível em:

https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=vm4RjEo-zQC&oi=fnd&pg=PA5&dq=sem+as+fontes+não+há+jornalismo&ots=X4fPQUseAV&sig=RQgyLTayCNFOy5uaCivrWhUqEr0&redir_esc=y#v=onepage&q=sem%20as%20fontes%20não%20há%20jornalismo&f=false

Sonaecom (2018). *Relatório & Contas 2018*. Retirado de <https://web3.cmv.m.pt/sdi/emitentes/docs/PC71571.pdf>

Sontag, S. (2004). *Olhando o Sofrimento dos Outros*. Tradução: José Lima. Lisboa: Quetzal Editores.

Sontag, S. (2012). *Ensaio sobre Fotografia*. Tradução: José Afonso Furtado. Lisboa: Quetzal Editores.

Sousa, J. P. (1998). *New values nas Fotos do Ano do World Press Photo: 1956-1996*. Universidade da Beira Interior. Disponível em

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-news-values.pdf>

Sousa, J. P. (1997). *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

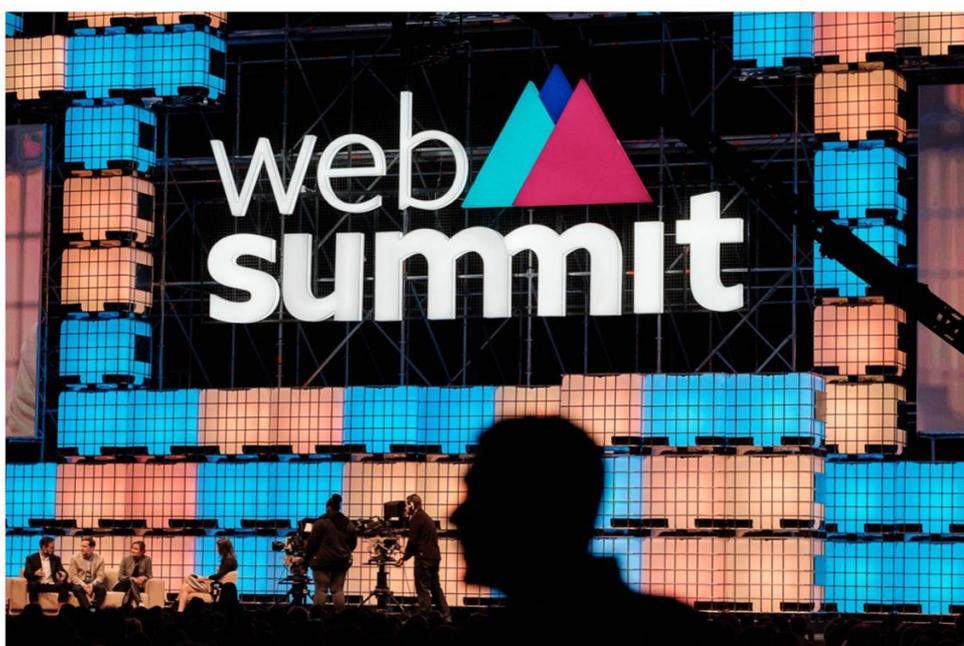
Sousa, J. P. (2002). *Fotojornalismo. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Vogel, D. I. (2005). *A escrita da notícia e a ordem do mundo*. Estudos em jornalismo e mídia. Vol. II, n.º 1 (pp. 123-131).

Corpus de análise

Consenso na Câmara de Lisboa para expandir a FIL e atrair mais grandes eventos

<https://www.publico.pt/2019/10/30/local/noticia/consenso-camara-lisboa-expandir-fil-atrair-eventos-1891961>



Shopping Brasília no Porto vai ser renovado até 2021 e convida lojistas das Lumière

<https://www.publico.pt/2019/10/30/local/noticia/shopping-brasilia-porto-vai-renovado-ate-2021-convida-lojistas-lumiere-1891953>



Sete detidos por tráfico de droga no miradouro lisboeta do Adamastor

<https://www.publico.pt/2019/10/30/local/noticia/sete-detidos-trafico-droga-miradouro-lisboeta-adamastor-1891925>



Projeto do El Corte Inglés para a Boavista já deu entrada na Câmara do Porto

<https://www.publico.pt/2019/10/28/local/noticia/projecto-el-corte-ingles-boavista-ja-deu-entrada-camara-porto-1891714>



Figueira de Castelo Rodrigo recompensa reutilização de lixos com moeda “Sustento”

<https://www.publico.pt/2019/10/28/local/noticia/figueira-castelo-rodrigo-recompensa-reutilizacao-lixos-moeda-sustento-1891624>



“Enganada.” Contra novo nome, Rosa Mota faltou à inauguração do “seu” pavilhão

<https://www.publico.pt/2019/10/28/local/noticia/super-bock-arena-pavilhao-rosa-mota-1891610>



Resolvido ataque informático à Câmara Municipal de Vinhais

<https://www.publico.pt/2019/10/25/local/noticia/resolvido-ataque-informatico-camara-municipal-vinhais-1891428>



Petição com mais de 750 assinaturas pede obras urgentes em esquadra lisboeta

<https://www.publico.pt/2019/10/25/local/noticia/peticao-750-assinaturas-pede-obras-urgentes-esquadra-lisboeta-1891400>



Numa escola em Lisboa alunos não têm transporte para frequentar aulas de Educação Física

<https://www.publico.pt/2019/10/24/local/noticia/nao-publicar-escola-luis-camoes-1891226>



Quercus denuncia a morte de 70.000 a 100.000 aves na colheita noturna de azeitona de 2018

<https://www.publico.pt/2019/10/24/local/noticia/quercus-denuncia-morte-70000-100000-aves-colheita-nocturna-azeitona-2018-1891255>



Cidadãos unem-se pelas Galerias Lumière e “património” do Porto

<https://www.publico.pt/2019/10/24/local/noticia/cidadaos-unemse-galerias-lumiere-patrimonio-porto-1891219>



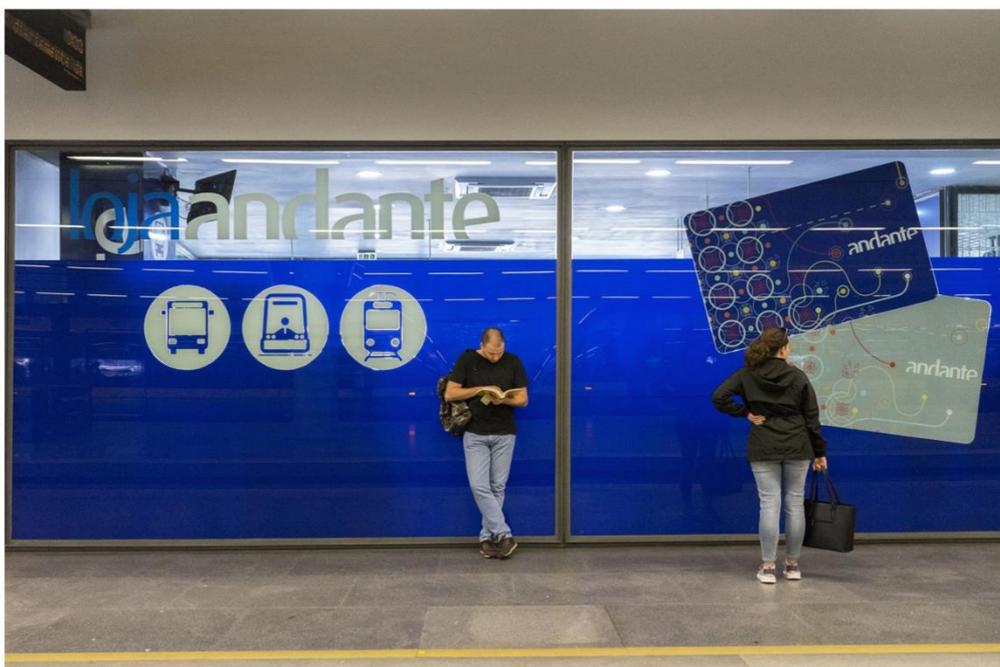
Festivais de Outono alastram-se a mais três cidades

<https://www.publico.pt/2019/10/24/local/noticia/festivais-outono-alastramse-tres-cidades-1890907>



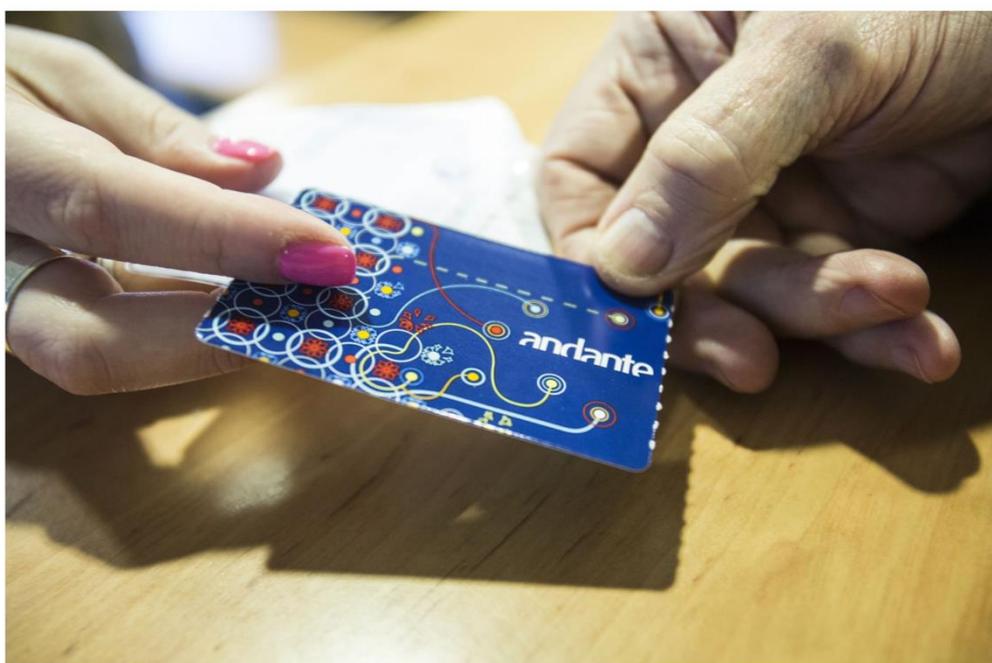
Mais de 2300 jovens entre os 13 e 15 anos com passe gratuito no Porto

<https://www.publico.pt/2019/10/22/local/noticia/2300-jovens-13-15-anos-passe-gratuito-porto-1890920>



Vários municípios da Área Metropolitana do Porto com atrasos nos passes Sub13

<https://www.publico.pt/2019/10/21/local/noticia/cinco-municipios-area-metropolitana-porto-passes-sub13-emitidos-1890795>



Origem dos maus cheiros de Alverca já está localizada

<https://www.publico.pt/2019/10/19/local/noticia/origem-maus-cheiros-alverca-ja-localizada-1890531>



O fim anunciado das galerias Lumière e a angústia dos comerciantes em casa

<https://www.publico.pt/2019/10/18/local/noticia/fim-anunciado-galerias-lumiere-angustia-comerciantes-casa-1890588>



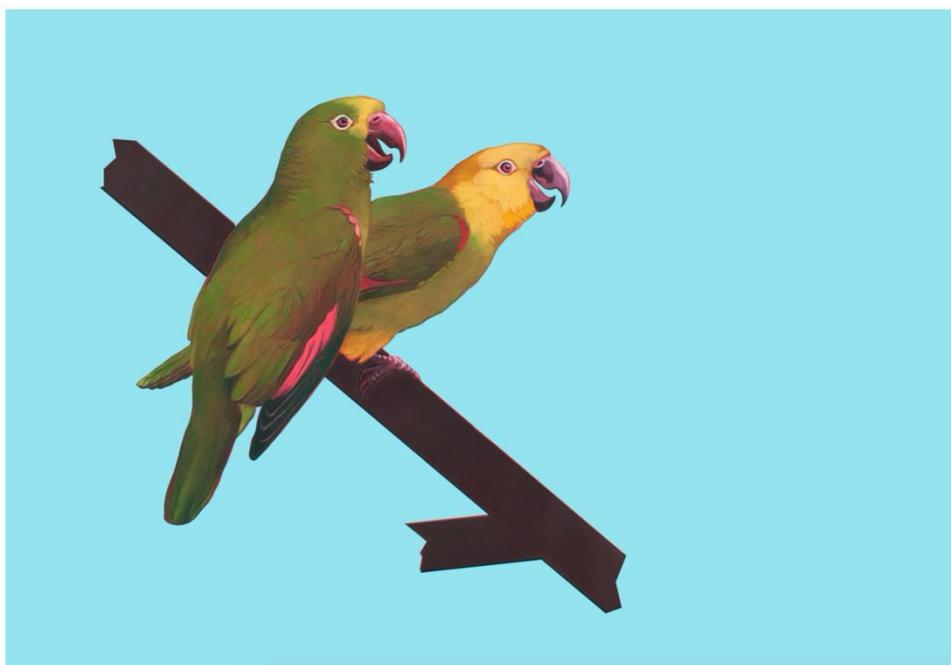
Promotor de mercado encerrado pela Câmara do Porto pediu explicações à DRCN

<https://www.publico.pt/2019/10/17/local/noticia/promotor-mercado-encerrado-camara-porto-pediu-explicacoes-drcn-1890417>



Vem aí uma exposição que coloca a arte contemporânea em bandeiras de edifícios do Porto

<https://www.publico.pt/2019/10/16/local/noticia/vem-ai-exposicao-coloca-arte-contemporanea-bandeiras-edificios-porto-1890070>



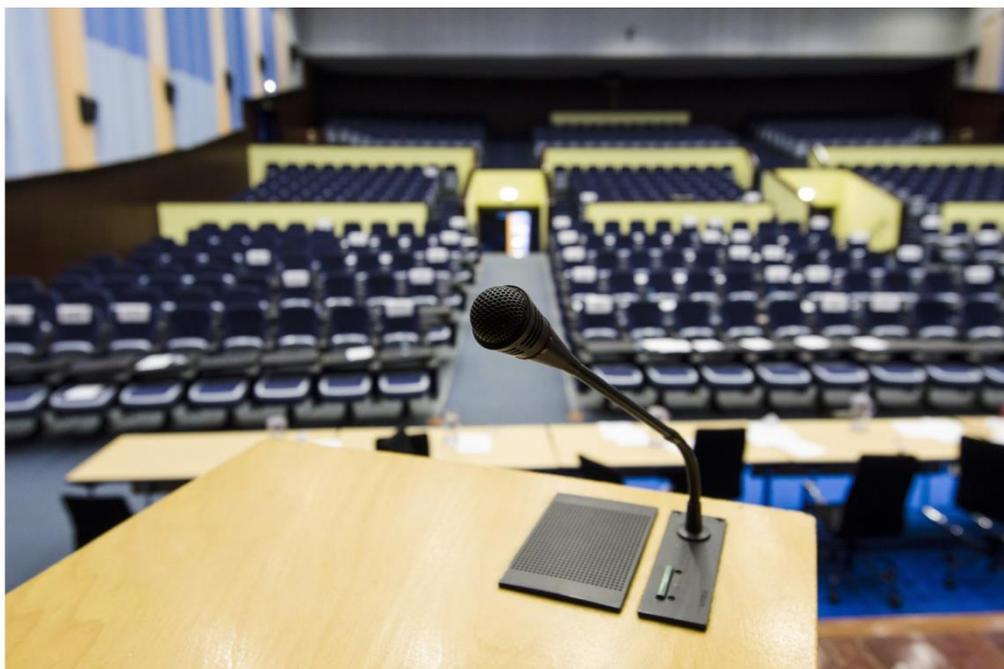
Bloco acusa Medina de impedir debate sobre continuidade de Salgado na SRU

<https://www.publico.pt/2019/10/16/local/noticia/bloco-acusa-medina-impedir-debate-continuidade-salgado-sru-1890240>



Helena Roseta lamenta que haja “muitas petições em atraso”

<https://www.publico.pt/2019/10/15/local/noticia/helena-roseta-lamenta-peticoes-atraso-1890139>



Pelouro da Economia e Inovação da Câmara de Lisboa passa a ser assumido por Miguel Gaspar

<https://www.publico.pt/2019/10/15/local/noticia/pelouro-economia-inovacao-camara-lisboa-passa-assumido-miguel-gaspar-1890121>



BE

diz que há falta de transparência sobre contratos de terrenos para El Corte Inglés

<https://www.publico.pt/2019/10/15/local/noticia/be-ha-falta-transparencia-contratos-terrenos-el-corte-ingles-1890039>



Campo Aberto diz que nada obriga Câmara do Porto a aprovar El Corte Inglés na Boavista

<https://www.publico.pt/2019/10/14/local/noticia/campo-aberto-nada-obriga-camara-porto-aprovar-el-corte-ingles-boavista-1889922>



Há 125 anos nasceu a Confiança, uma fábrica social e familiar

<https://www.publico.pt/2019/10/12/local/noticia/ha-125-anos-nasceu-confianca-fabrica-social-familiar-1889721>



Clima: “É nas cidades que a batalha se vai ganhar ou perder”

<https://www.publico.pt/2019/10/10/local/noticia/clima-cidades-batalha-vai-ganhar-perder-1889587>



Novo vereador do Urbanismo da Câmara de Lisboa já assumiu funções

<https://www.publico.pt/2019/10/10/local/noticia/novo-vereador-urbanismo-camara-lisboa-ja-assumiu-funcoes-1889580>



Câmara lança concurso para ciclovia entre Castro Marim e Praia Verde

<https://www.publico.pt/2019/10/10/local/noticia/camara-lanca-concurso-ciclovia-castro-marim-praia-verde-1889571>



Câmara de Aveiro quer moliceiros eletrificados até 2021

<https://www.publico.pt/2019/10/10/local/noticia/camara-aveiro-quer-moliceiros-electrificados-ate-2021-1889570>



Universidade de Córdoba distingue Campo Arqueológico de Mértola com prémio Sísifo

<https://www.publico.pt/2019/10/09/local/noticia/universidade-cordoba-distingue-campo-arqueologico-mertola-premio-sisifo-1889437>



Sindicato emite pré-aviso de greve para a STCP

<https://www.publico.pt/2019/10/08/local/noticia/sindicato-emite-preaviso-greve-stcp-1889302>



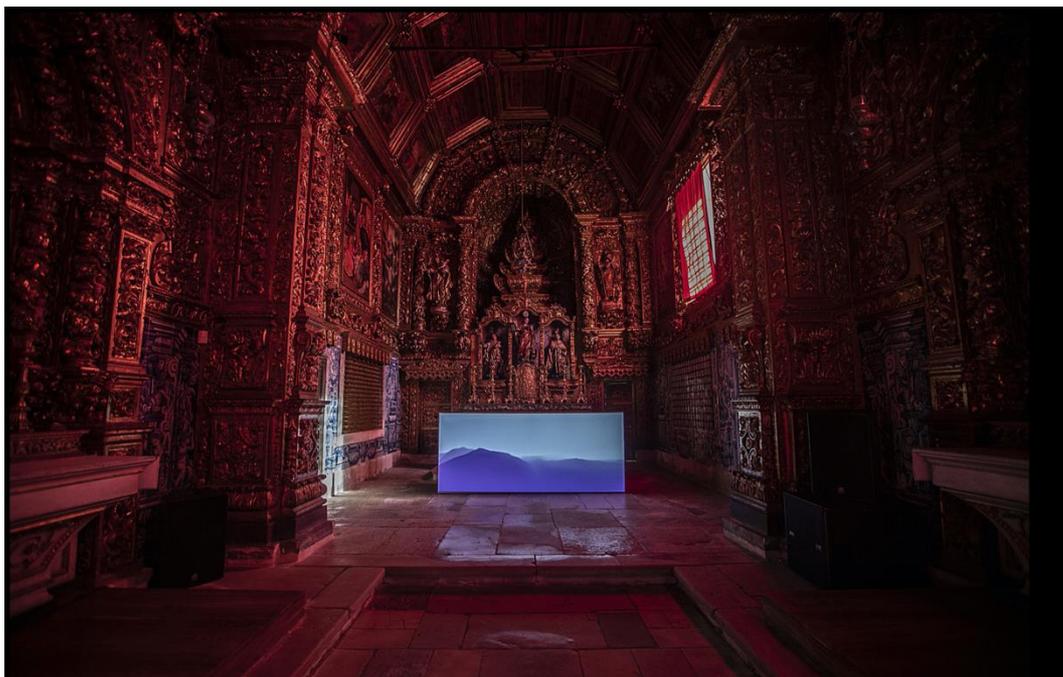
Bairro Social da Pasteleira recebe espetáculo que questiona o nosso impacto no mundo

<https://www.publico.pt/2019/10/08/local/noticia/bairro-pasteleira-recebe-espectaculo-reflecte-lugar-mundo-1889245>



As artes digitais tomaram conta dos museus e teatros de Aveiro

<https://www.publico.pt/2019/10/08/local/noticia/artes-digitais-tomaram-conta-museus-teatros-aveiro-1889151>



Poveiros criticam abate de árvores centenárias mas autarquia fala em segurança

<https://www.publico.pt/2019/10/07/local/noticia/povoa-varzim-nao-vai-abater-10-platanos-1888910>



Deputados do PSD acusam Governo de suspender remoção de jacintos no Sorraia

<https://www.publico.pt/2019/10/04/local/noticia/deputados-psd-acusam-governo-suspender-remocao-jacintos-sorraia-1888892>



Melgaço às escuras para viver “Noite dos Medos”

<https://www.publico.pt/2019/10/03/local/noticia/melgaco-escuras-viver-noite-medos-1888781>



Os elfos chegam no fim de Novembro a Oeiras, a “capital do Natal”

<https://www.publico.pt/2019/10/03/local/noticia/elfos-magicos-chegam-fim-novembro-oeiras-capital-natal-1888610>



Contestatários receiam perder guerra contra as dragagens no Sado pela morosidade dos tribunais

<https://www.publico.pt/2019/10/02/local/noticia/contestatarios-receiam-perder-guerra-dragagens-morosidade-tribunais-1888684>



Supremo Tribunal aceita recurso sobre dragagens no Sado

<https://www.publico.pt/2019/10/02/local/noticia/supremo-tribunal-aceita-recurso-dragagens-sado-1888574>



Construção da ala pediátrica do hospital São João no Porto já arrancou

<https://www.publico.pt/2019/10/01/local/noticia/construcao-ala-pediatica-hospital-sao-joao-porto-ja-arrancou-1888512>



Ornatos Violeta “devolvem” Super Bock Arena ao Porto com concerto de inauguração

<https://www.publico.pt/2019/10/01/local/noticia/ornatos-violeta-devolvem-super-bock-arena-porto-concerto-inauguracao-1888474>



Anexos

LOCAL

As lendas do Porto nas vozes de Abrunhosa e Jeremy Irons

Um espectáculo de dimensão “fantasmagórica” contará, de 26 de Setembro a 3 de Março, lendas nas furnas da Alfândega do Porto. Um espectáculo que será narrado em português e inglês

Cultura
Maria Valente

“Na Idade Média, acreditava-se que o mundo acabava no horizonte, quando o céu tocava no oceano”. Entre a realidade e o mito acontece o *Porto Legends - The Underground Experience*, “um espectáculo audiovisual único a nível mundial”, promete a organização. Dez lendas relacionadas com a história do Porto e da região Norte, que vão das tripas ao fantasma da freira de S. Bento, serviram de mote à criação deste projecto, sob a orientação histórica de Joel Cleto.

Pensado e criado pelo atelier OCubo – conhecido pelos espectáculos de *videomapping*, como o Lumina Festival da Luz, no Terreiro do Paço, ou o *Lisbon Under Stars*, nas Ruínas do Convento do Carmo, em Lisboa – o projecto, que contou com mais de 300 pessoas envolvidas, demorou um ano a ser concretizado.

Desde as tripas à moda do Porto até ao Terramoto de 1775 – que, mesmo sendo em Lisboa, se fez sentir no Porto e derrubou a Capela de São Roque –, viaja-se dentro das furnas da Alfândega do Porto. Sítio escolhido para acolher este espectáculo por se tratar de “um local misterioso, cheio de colunas, arcos e túneis, perfeitos para uma imersão total do espectador”, anunciou a organização do evento, em comunicado.

Outra das lendas é do fantasma da velha freira, que se diz ter sido a última a morrer antes da demolição do Mosteiro de São Bento para a construção da ainda existente estação ferroviária, e que por ali ainda andará.

Todos nós vamos poder estar dentro da história. “Não estou sentado a ver o ecrã, estou dentro do ecrã”, sentenciou Nuno Maya, director artístico desta encenação, afirmando que esse funcionou como o maior desafio deste projecto: proporcionar ao público uma experiência imersiva. Desafio esse que assumiu duas vertentes: por um lado, a parte criativa e, por outro, a técnica. Isto porque “o objectivo era conseguir contar



O fantasma da freira de S. Bento será uma das dez lendas do Porto e do Norte que passarão nas furnas da Alfândega

“A partir das lendas, chegamos à história da cidade”, diz Joel Cleto. Mas “as lendas são um património ameaçado e por isso este é um projecto de salvaguarda”

uma história que pudesse ser vista de vários pontos de vista”, explicou Nuno Maya ao PÚBLICO.

De terça a domingo de cada semana, de dia 26 Setembro a 3 de Março, pode-se assistir a este espectáculo das 10h00 às 19h00 – haverá nove sessões de 45 minutos por dia. A narração em português ficou a cargo de Pedro Abrunhosa e em inglês de Jeremy Irons. “O Pedro Abrunhosa é um ícone da cidade e tem uma voz que toda a gente conhece” e o Jeremy Irons “é um actor conceituado que já ganhou um Óscar de Melhor Actor”, explicou o director artístico em conferência de imprensa.

“A partir das lendas, chegamos à história concreta da cidade”, declarou Joel Cleto ao PÚBLICO. No

entanto, “as lendas são um património ameaçado”, salienta o historiador. Por isso “este é um projecto de salvaguarda deste património imaterial”. Afirma que a tecnologia acabou por exterminar as maravilhosas histórias contadas pelos nossos avós e que há muitas lendas que foram caindo no esquecimento, acabando por desaparecer. Mas, continua, “é muito interessante, porque, no fundo, acabamos por juntar estes dois mundos: a tecnologia e as lendas.”

O espectáculo surge para “dar conteúdo e contexto à cidade”, fazendo com que “o Porto fique mais competitivo ao nível do turismo porque tem mais diversidade, o que é óptimo”, adiantou Ricardo Valente, vereador do Turismo e Economia da

Câmara Municipal do Porto.

O evento, que conta com o apoio da câmara municipal e da Associação de Turismo do Porto e Norte de Portugal, vai facultar parte da receita da bilheteira para apoiar a Ala Pediátrica do Hospital de São João.

Os bilhetes estão disponíveis para venda no site oficial do evento ou na bilheteira da Alfândega do Porto. Tem o valor de 15 euros, mas crianças entre os 6-11 anos, seniores com mais de 65 anos, estudantes e residentes na área metropolitana/distrito do Porto pagam apenas 12 euros e crianças até aos cinco anos de idade entram gratuitamente. **Texto editado por Ana Fernandes**

maria.joao.costa@publico.pt

Porto também é um jogo de tabuleiro onde se podem construir casas na Ribeira

Lazer
Susana A. Oliveira

Orlando Sá, arquitecto apaixonado pelo Porto e por jogos de tabuleiro, decidiu homenagear a cidade onde estudou

Foram anos passados a procurar a melhor forma de concretizar um sonho: Orlando Sá, arquitecto de 37 anos, lança hoje o seu primeiro jogo de tabuleiro. Em Março de 2018, a empresa lisboeta MEBO Games encontrou potencial em Porto, um jogo sobre a cidade que lhe dá o nome em que cada jogador é desafiado a construir casas na Ribeira. A apresentação está agendada para as 17h, na FNAC do Norte Shopping, e acontece depois do lançamento de uma versão sul-coreana no início do mês.

Em Porto, há estratégia, mas é a arquitectura o foco. Orlando Sá nasceu em Bagunte, Vila do Conde, mas foi no Porto onde se formou em Arquitectura. Em 2008, mudou-se para Bruxelas e, quatro anos mais tarde, descobriu a paixão pelos jogos de tabuleiro. Quando começou a ter ideias e a desenvolver os próprios jogos, não podia deixar o "amor que sentia pelo Porto" de parte. "O Porto era um tema que queria obrigatoriamente explorar", conta ao P3. A paixão pela arquitectura e a paixão pela frente ribeirinha do Porto, que considera ser de "uma beleza incomparável", levou-o a

"juntar 2+2" – e, *voilà*, assim nasceu o jogo agora lançado, com ilustrações de Luís Levy Lima.

Jogar por 50 minutos

As regras são simples: os jogadores têm oportunidade de aumentar o bairro da Ribeira do Porto, construindo casas, colocando estrategicamente novos andares, aproveitando bônus disponíveis, completando contratos e recebendo pontos de vitória atribuídos pelos esforços.

No fim do desafio, os jogadores devem revelar os contratos privados para poderem ganhar pontos adicionais. O vencedor será, sem surpresa, o jogador com mais pontos.

Este jogo de tabuleiro é, segundo Orlando, "acessível a famílias", "interactivo" e de "complexidade baixa", mas capaz de proporcionar "escolhas interessantes aos jogadores", que podem ser entre dois e quatro, com mais de oito anos. O tempo médio de jogo é de 50 minutos e este está à venda por 29, 90 euros.

O interesse da editora portuguesa MEBO Games num jogo com base na cidade do Porto surgiu depois do "sucesso comercial" de dois jogos passados na cidade de Lisboa: *Estoril 1942* e *Arraial*. O primeiro tem como objectivo a criação da melhor rede de espíões e o segundo o de atrair o maior número possível de visitantes para o arraial de cada jogador, recorrendo a muita atenção e alguns truques. **Texto editado por Ana Maria Henriques**

susana.oliveira@publico.pt



É na zona Ribeirinha do Porto que se passa o jogo de tabuleiro



O objectivo da iniciativa é também incentivar a adopção de cães abandonados

Passar cães abandonados em Matosinhos é uma das novas experiências do Airbnb

Turismo
Maria Valente

Câmara apresentou os novos projectos para o turismo da cidade, e passear cães abandonados em Matosinhos é um deles

"Cão e homem são amigos/ desde os tempos das cavernas", diz o poeta Luiz Roberto Guedes. Se é verdade ou não, o certo é que o cão é o companheiro mais fiel do homem e merece por isso reciprocidade humana. Com este foco, entre outros projectos apresentados ontem, Dia Mundial do Turismo, a Câmara Municipal de Matosinhos (CMM) incluiu um que põe turistas a passear cães abandonados.

Apoiada pela CMM, a Associação Animais de Rua, em parceria com o Centro de Recolha de Animais de Matosinhos (CROAM) e com o Airbnb – plataforma mundial de reserva de alojamentos locais –, lançou esta iniciativa para tentar melhorar a vida dos cães que são abandonados.

Em Matosinhos, são abandonados, em média, 200 animais por ano, disse ao PÚBLICO a médica veterinária

do CROAM, que tem a seu cargo 140 cães. A responsável explicou que nem todos estão aptos a entrar nesta experiência, pois têm de reunir certas características, por isso, foi criada uma "bolsa de animais passíveis de serem passeados".

Tudo se alinhou e a plataforma digital vai proporcionar esta experiência turística, que se revela diferente. A ideia é aproveitar as férias passando cães na marginal de Matosinhos e assim contribuir "para uma maior socialização e bem-estar dos animais", adiantou a CMM em comunicado.

Os passeios têm horário e local definidos e pode-se usufruir da experiência estando hospedado em qualquer lugar do país. Comprando este passeio, o interessado apenas tem de se deslocar a Matosinhos.

A iniciativa, que já faz sucesso nos Estados Unidos da América e que se insere na estratégia de responsabilidade social da empresa Airbnb, permite ao animais "não estarem sempre nas boxes enquanto estão à espera de uma família de acolhimento", explicou Cláudia Neves, coordenadora no Norte da Associação Animais de Rua.

"Estamos muito felizes com a nossa parceria com a CMM e espero que continuemos com ela por muito tem-

po", continuou. A iniciativa vai também ser implementada em Lisboa, em parceria com a Câmara Municipal e a Casa de Animais de Lisboa.

Os projectos foram apresentados ontem pela Câmara de Matosinhos na loja de turismo da cidade, que tem visto o número de turistas aumentar. Este dinamismo crescente da cidade deve-se ao facto de "Matosinhos ter uma potencialidade enorme", não tem dúvidas Pedro Gomes, da empresa turística Semp Blue, em conferência de imprensa.

António Correia Pinto, vereador do Ambiente, salientou também que "Matosinhos continua a afirmar-se como destino turístico, mantendo a sua personalidade e qualidade de vida". Os números são claros: "Face ao período homólogo do ano anterior, verificou-se um crescimento de 16% no número de turistas atendidos nos postos de turismo", acrescentou o autarca.

Além do passeio de cães, a câmara divulgou diversas iniciativas, como novos circuitos turísticos de *tuk tuks* e de trotinetes *Circ* na cidade. Foi também apresentada a 6.ª edição do *Rally Fish*. **Texto editado por Ana Fernandes**

maria.joaocosta@publico.pt

LOCAL

A casa onde Oliveira Ferreira esculpiu vai ser requalificada

A Casa-Oficina José de Oliveira Ferreira é um marco na escultura em Gaia. Manter este património activo é o principal objectivo da requalificação do edifício. Espera-se que a obra esteja pronta em 2021

Vila Nova de Gaia
 Maria Valente

A cidade de Gaia é considerada por muitos uma “escola de escultura”, por ter grandes obras relacionadas com essa arte que ainda hoje perduram, como a Casa-Museu Teixeira Lopes ou o Museu Nacional de Soares dos Reis. Com outros nomes a juntar a este património – Henrique Moreira, Joaquim Silva ou Fonseca Lapa –, “a passagem desta escola de escultura fez de Gaia uma cidade muito rica nessa arte”, afirma o secretário-geral da Associação Cultural Amigos de Gaia (ACAG), Artur Lopes Cardoso. Entre este “leque de escultura” da cidade surge a Casa-Oficina José de Oliveira Ferreira, que agora vai ser requalificada.

Esta casa-oficina fica na Avenida Vasco da Gama, em Miramar. Construída pelos irmãos José (escultor) e Francisco de Oliveira Ferreira (arquitecto), “respondia à necessidade de dispor de um espaço adequado à criação das peças escultóricas para o Monumento da Guerra Peninsular, em Lisboa”, pode ler-se na edição n.º 86 do *Boletim da ACAG*. Isto porque os irmãos participaram num concurso a esse monumento, a construir na então Praça de Mouzinho de Albuquerque, actual Rotunda de Entrecampos, na capital portuguesa. Concurso em que obtiveram o primeiro lugar e atrás dessa obra veio a sua afirmação no meio artístico nacional.

A casa só ficou concluída depois de o escultor falecer, em 1942, tomando o irmão, Francisco Oliveira Ferreira, conta dela. Após a morte do arquitecto, o edifício passou para a posse de José Domingues de Almeida e mais tarde foi alugado pelo pintor Pedro Olaio, que viveu e trabalhou lá por muitos anos. Anos depois, a filha de José Domingues herdou a casa e achou por bem doá-la a uma instituição que defendesse e difundisse a cultura em Vila Nova de Gaia – a Associação Cultural Amigos de Gaia –, da qual era sócia. Assim, a 5 de Julho de 1983, a associação ficou como proprietária da casa com o objectivo de a preservar e aproveitar



O projecto de requalificação deve estar totalmente pronto em 2021 e ronda os 700 mil euros

A casa respondia à necessidade de dispor de um espaço adequado à criação das peças escultóricas para o Monumento da Guerra Peninsular, em Lisboa

como “pólo cultural do concelho”. Como ainda estava arrendada a Pedro Olaio, a casa só passou a ser oficialmente propriedade da associação depois do falecimento do pintor, no final de 1997.

Cerca de um ano depois, em Outubro de 1998, nascia o projecto de requalificação daquela que é conhecida como um dos marcos históricos da escultura portuguesa. A partir desse ano, a associação empenhou-se na procura de apoio financeiro para recuperar a casa-oficina, até que, duas décadas depois, conseguiu que a Câmara Municipal de Gaia compartilhasse no custo das obras. O projecto “deve estar totalmente pronto em 2021 e ronda os 700 mil euros, dos quais 215 são financiados

pela autarquia”, adiantou Natacha Reis, responsável pelo departamento de comunicação do município. Salvador Almeida, da ACAG, elogia a decisão camarária e sublinha a “oportunidade” que a autarquia está a proporcionar à associação, mas sobretudo a Gaia por “recuperar esta valência”. O objectivo é que o espaço tenha uma “gestão auto-sustentável, ou seja, tenha capacidade para pagar as contas, não obtendo nenhum interesse comercial no espaço.”

A associação garante que os elementos característicos do edifício, como a janela em forma de coração e a grande vitrina na parte frontal, serão mantidos.

Na descrição do projecto surgem já pistas sobre algumas das activida-

des de dinamização que a associação quer implementar, nomeadamente a criação de uma pequena casa-museu de Oliveira Ferreira através do aproveitamento do que resta das obras que foram resgatadas e que se encontravam já em muito mau estado). A par disso, exposições de arte, lançamentos de obras literárias, espectáculos variados, oficinas de arte (escultura e pintura), conferências e outras actividades de interesse para a associação e para a comunidade serão realizadas quando o projecto estiver finalizado.

O edifício estará preparado para pessoas com mobilidade reduzida. **Texto editado por Ana Fernandes**

maria.valente@publico.pt

Anexo IV – Lista de *links* das notícias realizadas online durante o estágio

Uma proposta italiana: mudar-se para uma aldeia e receber 700 euros por mês

<https://www.publico.pt/2019/09/11/fugas/noticia/Italia-aldeias-Molise-1886258>

Há muitas vidas nas salinas de Aveiro

<https://www.publico.pt/2019/09/11/fugas/fotogaleria/fotografa-salinas-fala-biodiversidade-397056>

Governo abre mais de 2000 vagas para estágios na Administração Local

<https://www.publico.pt/2019/09/13/p3/noticia/governo-abre-mais-de-2000-estagios-administracao-local-1886377>

Triplo homicídio choca Espanha: homem matou ex-mulher, ex-sogra e ex-cunhada

<https://www.publico.pt/2019/09/16/mundo/noticia/triplo-homicidio-chocar-espanha-1886792>

Obra em que Banksy substituiu deputados por chimpanzés vai a leilão

<https://www.publico.pt/2019/09/16/p3/noticia/brexit-obra-em-que-banksy-substituiu-deputados-por-chimpanzes-vai-a-leilao-1886820>

Política para Todos: não sabes em quem votar? Esta plataforma ajuda-te a decidir

<https://www.publico.pt/2019/09/17/p3/noticia/politica-para-todos-eleicoes-legislativas-nao-sabes-votar-juntate-1886228>

Câmara do Porto quer sensibilizar para a integração de profissionais com deficiência no mercado de trabalho

<https://www.publico.pt/2019/09/18/local/noticia/projecto-deficiencia-camara-porto-quer-sensibilizar-integracao-profissionais-deficiencia-mercado-trabalho-1887067>

Um jogo da macaca com as típicas cabanas da Comporta

<https://www.publico.pt/2019/09/19/p3/fotogaleria/sao-quase-cabanas-em-palafita-e-nasceram-para-jogar-a-macaca-397111>

Cinema, vigílias e esperança: é a semana da Mobilização Global pelo Clima

<https://www.publico.pt/2019/09/20/p3/noticia/cinema-vigilias-esperanca-e-a-semana-da-mobilizacao-global-pelo-clima-1886919>

Melanie Martinez anuncia digressão mundial que começa por Portugal

<https://www.publico.pt/2019/09/20/culturaipsilon/noticia/melanie-martinez-anuncia-digressao-mundial-portugal-lista-1887281>

Oeiras tem 150 bolsas de estudo para universitários residentes no concelho

<https://www.publico.pt/2019/09/25/p3/noticia/municipio-oeiras-vai-atribuir-150-bolsas-estudo-alunos-residentes-concelho-1887715>

Algarve celebra a “comida esquecida” para “fazer renascer receitas e ingredientes perdidos”

<https://www.publico.pt/2019/09/26/fugas/noticia/festival-comida-esquecida-novidade-festival-pretende-atenuar-sazonalidade-algarve-1887971>

Será que os gatos são mesmo solitários?

<https://www.publico.pt/2019/09/29/p3/noticia/sera-que-os-gatos-sao-mesmo-solitarios-1887994>

É oficial: The Ocean Cleanup recolhe plástico do Pacífico pela primeira vez

<https://www.publico.pt/2019/10/03/p3/noticia/oficial-the-ocean-cleanup-recolhe-plastico-do-pacifico-pela-primeira-vez-1888785>

Já existe uma *app* para veres os *graffitis* de Barcelona em realidade aumentada

<https://www.publico.pt/2019/10/05/p3/noticia/ja-existe-uma-app-para-veres-os-graffitis-de-barcelona-em-realidade-aumentada-1888637>

Escritaria: Bairro dos Livros vai criar uma “casa de mãos” em Penafiel

<https://www.publico.pt/2019/10/10/p3/noticia/escritaria-bairro-dos-livros-vai-criar-uma-casa-de-maos-em-penafiel-1889439>

CNN elege a broa de milho como um dos “50 melhores pães do mundo”

<https://www.publico.pt/2019/10/16/fugas/noticia/broa-milho-50-melhores-paes-mundo-1890211>

Vem aí uma exposição que coloca a arte contemporânea em bandeiras de edifícios do Porto

<https://www.publico.pt/2019/10/16/local/noticia/vem-ai-exposicao-coloca-arte-contemporanea-bandeiras-edificios-porto-1890070>

U-Bike em Leiria: 100 mil quilómetros percorridos e muito menos emissões para a atmosfera

<https://www.publico.pt/2019/10/17/local/noticia/projecto-ubike-iniciado-2018-instituto-politecnico-leiria-evita-17-mil-kg-emissoes-co2-distrito-1890050>

Internet Archive disponibiliza 2500 videojogos dos anos 90

<https://www.publico.pt/2019/10/17/p3/noticia/internet-archive-lanca-2500-jogos-anos-90-1890395>

Matosinhos convoca encontro internacional de *instagramers*

<https://www.publico.pt/2019/10/17/fugas/noticia/matosinhos-promove-instameeting-divulgar-concelho-1890346>

Centro de Produção da RTP Porto celebra 60 anos

<https://www.publico.pt/2019/10/20/local/noticia/centro-producao-rtp-celebra-60-anos-1890640>

Lisboa lidera lista da Condé Nast Traveller de 25 melhores destinos turísticos

<https://www.publico.pt/2019/10/23/fugas/noticia/lisboa-lidera-lista-melhores-destinos-turisticos-novembro-1890945>

Shopping Brasília aposta numa nova imagem

<https://www.publico.pt/2019/10/24/local/noticia/shopping-brasilia-regressa-nova-imagem-1891254>

i-Danha Food Lab quer sensibilizar para a desertificação e alimentação saudável

<https://www.publico.pt/2019/10/25/p3/noticia/idanha-food-lab-regressa-sensibilizar-desertificacao-alimentacao-saudavel-1890535>

Rota das Aldeias Históricas de Portugal classificada como uma das melhores da Europa

<https://www.publico.pt/2019/10/28/fugas/noticia/rota-aldeias-historicas-portugal-arrecada-nomeacao-pais-1891405>

Chegou a Portugal a Too Good To Go, a *app* que combate o desperdício alimentar

<https://www.publico.pt/2019/10/29/p3/noticia/chegou-a-portugal-a-too-good-to-go-a-app-que-combate-o-desperdicio-alimentar-1891615>

Agora vai poder “voar” num túnel de vento no Grande Porto

<https://www.publico.pt/2019/11/06/fugas/noticia/vai-voar-tunel-porto-1892751>

Irmãs de 5 e 7 anos atropeladas em Esposende

<https://www.publico.pt/2019/11/07/local/noticia/irmas-5-7-anos-atropeladas-esposende-1892852>

Feminismo Sobre Rodas: mulheres circulam (e lutam) pelo país fora

<https://www.publico.pt/2019/11/08/p3/noticia/feminismos-sobre-rodas-mulheres-circulam-e-lutam-pelo-pais-fora-1892904>

Não sabes onde estacionar a tua moto em Lisboa? Esta *app* ajuda-te

<https://www.publico.pt/2019/11/12/p3/noticia/nao-sabes-onde-estacionar-a-tua-moto-em-lisboa-esta-app-ajuda-te-1893303>

Há uma “barreira de bolhas” a recolher plástico dos canais de Amesterdão

<https://www.publico.pt/2019/11/12/p3/noticia/criada-barreira-plastico-amesterdao-1893401>

Associação Espaço t celebra 25 anos

<https://www.publico.pt/2019/11/13/local/noticia/associacao-espaco-t-celebra-25-anos-1893571>

És de Belas Artes? Retrata a fertilidade com “leveza” e ganha 1750 euros

<https://www.publico.pt/2019/11/15/p3/noticia/es-de-belas-artes-retrata-a-fertilidade-com-leveza-e-ganha-1750-euros-1893721>

Em *Desvio*, Cláudia Salgueiro ensina-nos a caminhar entre revistas antigas

<https://www.publico.pt/2019/11/21/p3/fotogaleria/em-desvio-claudia-salgueiro-ensina-a-caminhar-entre-revistas-antigas-398481>

Há uma festa de três mil vinhos em Guimarães

[https://www.publico.pt/2019/11/22/fugas/noticia/guimaraes-wine-fair-feira-
onde-vinho-rei-1894709](https://www.publico.pt/2019/11/22/fugas/noticia/guimaraes-wine-fair-feira-onde-vinho-rei-1894709)

A Cannadouro é uma feira para quem quer saber tudo sobre *cannabis*

[https://www.publico.pt/2019/11/23/p3/noticia/cannadouro-feira-saber-tudo-
sobre-cannabis-1894582](https://www.publico.pt/2019/11/23/p3/noticia/cannadouro-feira-saber-tudo-sobre-cannabis-1894582)

Ana Aragão expões uma “Lisboa imaginária”

[https://www.publico.pt/2019/11/26/p3/fotogaleria/ana-aragao-expoe-uma-
lisboa-imaginaria-398497](https://www.publico.pt/2019/11/26/p3/fotogaleria/ana-aragao-expoe-uma-lisboa-imaginaria-398497)

Lisboa recebe o festival de francesinhas. Já provou uma “francesinha doce”?

[https://www.publico.pt/2019/11/26/fugas/noticia/lisboa-recebe-festival-
francesinhas-1895121](https://www.publico.pt/2019/11/26/fugas/noticia/lisboa-recebe-festival-francesinhas-1895121)

Tentado a comprar na *Black Friday*? A Deco dá alguns conselhos

[https://www.publico.pt/2019/11/27/impar/noticia/vai-comprar-black-friday-
leia-conselhos-1895159](https://www.publico.pt/2019/11/27/impar/noticia/vai-comprar-black-friday-leia-conselhos-1895159)

Phenix: esta aplicação quer evitar o desperdício, da comida às flores

[https://www.publico.pt/2019/11/27/p3/noticia/phenix-esta-aplicacao-quer-
evitar-desperdicio-da-comida-as-flores-1895340](https://www.publico.pt/2019/11/27/p3/noticia/phenix-esta-aplicacao-quer-evitar-desperdicio-da-comida-as-flores-1895340)

***Sidra Talks*: a sidra dá muito que falar em Ponte de Lima**

[https://www.publico.pt/2019/11/27/fugas/noticia/conversas-sidra-chegam-
ponte-lima-1894998](https://www.publico.pt/2019/11/27/fugas/noticia/conversas-sidra-chegam-ponte-lima-1894998)

Navio-escola Sagres abre-se a viajantes que queiram ser marinheiros por uns dias

<https://www.publico.pt/2019/12/04/fugas/noticia/marinheiro-dias-navioescola-sagres-1895593>

QSP Summit: Malcolm Gladwell é o cabeça de cartaz de 2020

<https://www.publico.pt/2019/12/04/economia/noticia/qsp-summit-malcolm-gladwell-cabeca-cartaz-2020-1896204>

Neste mercado de Natal do Porto, junta-se o vegetariano ao espumante

<https://www.publico.pt/2019/12/06/fugas/noticia/neste-mercado-natal-porto-juntase-vegetariano-espumante-1896346>

Na passagem de ano, Albufeira festeja na praia, ilumina o mar e faz acrobacias aéreas

<https://www.publico.pt/2019/12/09/fugas/noticia/passagem-ano-albufeira-faz-festa-praia-ilumina-mar-oferece-acrobacia-aereas-1896724>

Um documentário para mostrar *A Pele do Diabo* dos Caretos de Podence

<https://www.publico.pt/2019/12/10/p3/noticia/documentario-mostrar-pele-diabo-caretos-podence-1896678>

Anexo V – Links de notícias em que tive de ir ao terreno

Há uma nova Casa Guedes no Porto. Mas a tradição mantém-se

<https://www.publico.pt/2019/09/19/fugas/noticia/casa-guedes-abre-novo-espaco-tradicao-mantemse-1887200>

Facebook lança guia do Porto feito pelas comunidades. É para “celebrar a cidade”

<https://www.publico.pt/2019/11/12/fugas/noticia/comunidades-facebook-criam-guia-cidade-porto-1893490>

Ricardo Luz é o Chefe Cozinheiro do Ano

<https://www.publico.pt/2019/11/27/fugas/noticia/ricardo-luz-chefe-cozinheiro-ano-1895312>

Anexo VI – Lista de links das notícias realizadas online durante o estágio em que também realizei fotografia

Das tripas à freira de S. Bento – As lendas do Porto vão ser contadas por Abrunhosa e Jeremy Irons

<https://www.publico.pt/2019/09/25/local/noticia/porto-legends-evento-voz-lendas-porto-1887918>

Passear cães abandonados em Matosinhos é uma das novas experiências do Airbnb

<https://www.publico.pt/2019/09/27/local/noticia/passear-caes-abandonados-novas-experiencias-turisticas-matosinhos-1888094>

Bairro Social da Pasteleira recebe espetáculo que questiona o nosso impacto no mundo

<https://www.publico.pt/2019/10/08/local/noticia/bairro-pasteleira-recebe-espectaculo-reflecte-lugar-mundo-1889245>

O “tempo que não temos” é o foco do encontro de ilustração de São João da Madeira

<https://www.publico.pt/2019/10/14/p3/noticia/o-tempo-que-nao-temos-e-o-foco-do-encontro-de-ilustracao-de-sao-joao-da-madeira-1889275>

DeGema: hambúrgueres artesanais vezes nove

<https://www.publico.pt/2019/10/24/fugas/noticia/hamburgueria-degema-abre-nono-restaurant-1891122>

A casa onde Oliveira Ferreira esculpiu soldados vai ser requalificada

<https://www.publico.pt/2019/11/06/local/noticia/casaoficina-jose-oliveira-ferreira-gaia-vai-requalificada-1890899>